

DEPOIS DE, BELELEU

de Leonardo Miranda



DEPOIS DE, BELELEU

de Leonardo Miranda

1ª Edição

Revisão e Prefácio por
Maristela Memere Riski

Prefácio

Foi uma belíssima oportunidade ter sido uma das primeiras leitoras dessa obra. Caramba! Encontrei magia, esperança, medo, paixão, sonhos, força de resistência, vontade de conhecer os mistérios da vida, o incomum e o imenso e verdadeiro amor traduzido nas palavras e nas aventuras de Benzinho, que não tem impedimento e nem limite para ir em busca da essência de seu ser, do seu amor por Clóris.

Leonardo Miranda é um verdadeiro contador e encantador de histórias ao aliar a liberdade crítica do olhar e a força da imaginação criadora à reflexão, aos mitos de origem, à essência dos arquétipos. Articula habilmente, com intuição e inteligência, cada experiência dos personagens. Logo no início da narrativa, ele se mostra de peito e braços abertos aos personagens quando nos diz “sou aquele que, até esse momento, assim como vocês, não sabe o destino de cada um deles. Isso vem soprado com o vento em meus ouvidos por cada uma dessas personagens fantásticas que aqui se desenham. Com olhos de ver as coisas como elas são. Não como deveriam ser.

A vida pulsa em BELELÉU e em suas paisagens exóticas. Logo no primeiro capítulo, somos convidados a desvendar, a descobrir e a narrar o que se passa em Beleléu quando lemos “que raios é Beleléu? Melhor

seria perguntar onde raios fica Beleléu”? Ninguém sabe ao certo. Um lugar no meio do nada. Onde o vento faz a curva e Judas perdeu as botas. Terra natal do magro herói dessas letras, e até então inocente, Benzinho”. Nessa narrativa fantástica, apaixonada e doce, em que encontramos cabeças plantadas, somos tentados a pensar de onde vêm as ideias? Quais são os valores e saberes que nos apoiam e nos sustentam? As cabeças estão no solo e vivem um “CABUM”!!! Uma explosão de ideias que o leitor já vai descobrir.

Na descontinuidade e no imprevisto dos acontecimentos aparentemente descabidos, há uma honestidade no encontro das raças, das religiões, das culturas trazida à tona na grandeza de Benzinho – “me senti extremamente identificado com eles. Também estava ali tentando descobrir de onde vim. Reencontrar meu passado e construir um futuro e família. Começa a entender”- sua pureza, sua magia herdada do pai, sua esperança de tudo melhorar, de tudo transcender a essa ordem estabelecida por uma cultura vã e desvinculada de suas origens, de sua razão superior. Ele não desiste nunca e resiste sempre. Mesmo quando conhece o pior dos infernos: a cadeia torturante. Ela é pior do que a morte. Claro. A morte é horrenda, mas é natural. É honesta e faz parte da vida. A cadeia é limitante, é arbitrária, é humana demais no mais cruel dos sentidos.

No capítulo 5, Benzinho nos deixa claro seu olhar, isto é, o que está conhecendo do mundo, da vida com suas surpresas. É “pelo doce e pelo azedo da caminhada” que ele está vivendo, está aprendendo o idioma do mundo e aprendendo, principalmente, a subvertê-lo. Ele sempre segue em frente. Benzinho luta, pensa, enfrenta, elabora estratégias e escreve cartas para sua amada. Porém, há um momento em que a tinta da sua caneta começa a falhar e as folhas estão acabando. Seria um cansaço, uma falha ou uma perda de energia? A alma de Benzinho e de Clóris, sua amada, é impregnada de sonho de liberdade, de amor e de força para buscar a essência da vida, do sopro da vida, de seus ancestrais. Ele cria, RE-cria e segue guiado pela pureza dos espíritos. Ele quer encontrar e viver no país da justiça e da igualdade, onde todos e todas as culturas são valorizadas e verdadeiras. Ele não esquece o verdadeiro sentido da sua busca. Ele é presente sempre, pois o passado é presente em sua vida de agora e o futuro é trazido para o presente, para o agora, com uma incrível sincronicidade...

Leonardo cria uma narrativa sobre o amor, sobre as relações com delicadeza e uma deliciosa fantasia ornada com adereços das mais diferentes culturas, mostrando o poder de transformação do amor e da paixão pela vida.

Maristela Memere Riski
Professora e Ms em Língua Portuguesa e Literaturas

ÍNDICE

- 1 - Tudo que Foi**
- 2 - A Ilha Desconhecida**
- 3 - A Tampa da Pipoca**
- 4 - CABUMMMMM!**
- 5 - Metrópolis**
- 6 - A Queda**
- 7 - Cartas da Gaiola**
- 8 - O Céu Azul**
- 9 - Raios que o Parta**
- 10 - Mil Mortes**
- 11 - O Grande Circo Mirácoles**
- 12 - Talvezquesimtalvezquesimtalvezquesim...**

“Nosso barco vai descendo pouco a pouco praquele mar agora cristalino, deixando toda aquela tempestade para trás. O balão sorridente de Pipo se desprende e segue também seu rumo em direção ao céu. No horizonte, apenas o alaranjado cortado pelo azul. O vento em meu rosto. O cheiro da minha mãe que não conheci. Pipo aponta para uma fumaça que vem do horizonte lá longe. Seria o trem? Será?

Fecho meus olhos e já posso ouvir o seu passar nos trilhos e o apito avisando que a próxima estação vai chegar.

Pai, eu vejo a nova cor! Vejo os olhos do meu filho! Vejo o trem de ferro pelas montanhas por sobre o mar! Vejo a Ilha Desconhecida pulsar dentro de mim!

TALVEZQUESIMTALVEZQUESIMTALVEZQUESIM Piuí.

Por hora. Adeus”

(Benzinho)

CAPÍTULO 1

TUDO QUE FOI

Tem história que precisa ser contada para não morrer como um cachorro louco na estrada. Eu acho. Só acho, que essa é assim.

Quem sou eu? Deus? Que isso... nem tampouco o Diabo... Eles também são personagens dessa história. Sou aquele que conta. Um narrador. Mas também sou aquele que, até esse momento, assim como vocês, não sabe o destino de cada um deles. Isso vem soprado com o vento em meus ouvidos por cada uma dessas personagens fantásticas que aqui se desenham. Com olhos de ver as coisas como elas são. Não como deveriam ser. Até porque ninguém deve nada aqui. Você deve? Bom, não posso fazer nada.

A história aqui começa com o final de uma outra: Pipo. Ele era um palhaço, melhor amigo de Benzinho, que foi narrador de nossa primeira história e que é a pessoa que neste momento está tentando reanimá-lo na areia da praia em que pousaram. Um barco pousou? Sim, meus senhores. Sei que não é comum, mas quem disse que a vida é fácil? Pipo, o palhaço mudo, única tripulação e primeiro imediato de Benzinho, decidiu acompanhar seu amigo na maior empreitada de sua vida até então:

escapar de Beleléu. Que raios é Beleléu? Melhor seria perguntar “onde raios fica Beleléu”? Ninguém sabe ao certo. Um lugar no meio do nada, onde o vento faz a curva e Judas perdeu as botas. Terra natal do magro herói dessas letras e, até então inocente, Benzinho. Também de Clóris, motivo de sua aventura e pela qual tudo se dá aqui: uma procura. Sempre uma procura. Como não?

“Acorda, Pipo! Acorda, seu palhaço”! Disse Benzinho aos prantos, dando socos no peito do amigo. “Não me deixe aqui sozinho. Não me diga adeus”.

Mas Pipo não tinha mais aquele sorriso constante. Seu coração e sorriso estavam na bola inflável que subiu aos céus junto com o barco no momento da ascensão. Por algum motivo aquilo que os salvou de afundarem na famigerada correnteza de OZ, que tem esse nome devido àquela velha história de Dorothy e do Mago, que é meio triângulo das Bermudas e que separa Beleléu de qualquer outro lugar no mundo. E o outro lugar no mundo mais perto de lá é esta praia aqui.

Benzinho olha para cima e ainda consegue observar a bola que os salvou sumir no céu laranja em meio às nuvens pretas que se dissipavam. A chuva começou a rolar de seus olhos, tirando a grossa maquiagem do rosto do moribundo amigo, já aparentemente sem vida

na areia. Era a primeira vez, agora talvez a última, que veria aquela face. Um homem normal por baixo daquilo tudo, daquela pasta branca no rosto, mas ainda mantinha o sorriso aceso em sua maquiagem borrada. Uma pele parda brilhante como o sol e as marcas da vida que ainda resistiam por ali.

Deixe-me contar um pouco mais sobre Pipo, antes de começarmos isso tudo. Antes que tudo mude o rumo para nunca mais. Falando de tudo o que foi. E o que foi até agora foi Pipo. Foi Beleléu.

Pipo era um dos melhores trapezistas quando jovem do Grande Circo Jodorowsky e Cia, que passeava pelos lugares mais remotos dessa Terra. Era um circo mágico. Ninguém sabia ao certo como ele aparecia. Não tinha trem que o levasse. Apenas surgia onde tinha espaço. Assim como surgia, sumia. Pipo tinha longos cabelos negros e era “Porteur” do número de trapézio Doble, praticado por duas pessoas como diz o próprio nome. Seus companheiros de cena eram o “Volante” e seu irmão Quincas. Os dois eram unha e carne. Nunca se viu amizade assim. Quincas estava há tempos tentando se curar de um mal de amor que estava doendo como um corte de papel no mindinho. Não conseguia.

Uma não tão bela noite, Quincas teve uma grande discussão antes de entrar no picadeiro lotado.

O número era de muito difícil execução e o mais esperado da noite. Pipo sabia que alguma coisa estranha tinha se passado, só não sabia o que era. Tinha receio de algo. O número deles não tinha rede de segurança. Era sempre entre a vida e a morte e era isso que deixava a plateia mais eufórica. A banda tocava uma música apoteótica, clássica dos grandes circos. Seu irmão estava mais sério do que nunca e, diferente de sempre, não havia sorrido a noite toda. Estranha noite estava. Estranha noite com cheiro de mato molhado sem estrelas. As trompas sopravam a melodia de lançamento. Quincas voou literalmente de seu trapézio. Deu voltas em torno de si mesmo e estendeu os braços para ser segurado por Pipo no outro lado, que no momento crucial olhou para o irmão no ar com os braços estendidos, mas com os olhos fechados. Isso não podia ser. Isso nunca aconteceu. Naquele átimo de segundo duvidou do que iria acontecer. O irmão não segurou a sua mão. Ele seguiu seu voo rumo ao lugar de onde todos viemos. Pipo ficou lá, pendurado, balançando ainda com as mãos vazias e estendidas vendo a gravidade cuidar de seu irmão e ela mesma segurar seu corpo todo. Olhando aquele momento que iria mudar todo o jeito que conhecia como vida. Isso foi quase tudo.

“Acorda, amigo! Não me deixe aqui”!, dizia Benzinho

já sem quase aquela que nunca morre.

Mas continuando a saga de Pipo, ele cortou os longos cabelos após a tragédia. Ficou careca. Abandonou o trapézio e se juntou aos palhaços. Nunca mais tirou a maquiagem. Nunca mais sorriu por baixo dela fora de seu número no circo. Incorporou esse sorriso em seu balão de gás inseparável, que ganhou de uma criança da plateia após o ocorrido com seu irmão e que nunca o abandonou nem murchou até esse dia de hoje.

A tristeza mexe com a gente. Não foi diferente com ele. A partir daí tudo para ele era considerado lucro. Não deveria ser assim, mas era. Tanto que, nem tanto tempo assim depois, o circo levou um grande raio no meio de um espetáculo e tempestade. A lona pegou fogo inteiramente. Todo mundo correu e tentou se salvar. Menos ele, que ficou no centro do palco, sentado em uma mala de couro velha com seu balão de gás imóvel. Ele se salvou milagrosamente. No dia seguinte, nada mais havia. Só Pipo, o balão, o mastro principal e a mala. Ele se levantou e saiu em direção às montanhas perambulando a esmo. Nunca mais falou. Dizem. Ficou mudo desde então. Até aquele “Eu vou contigo” que disse a Benzinho antes de entrar no barco encantado. Nesse caminho entre montanhas, chegou a Beleléu. O resto deu nisso aí que está se dando.

“Adeus, doce Pipo”, disse Benzinho desistindo da massagem cardíaca naquele instante. O palhaço deu um pulo naquele momento. Abriu os olhos e abraçou o amigo muito forte, com lágrimas nos olhos e pelo tempo de três segundos. Ele gostava desse número. Vivo? Será???

Benzinho não acreditava no que estava acontecendo. Mas nada... Um último suspiro e desfaleceu nos braços do amigo. Primeira vez que Benzinho viu alguém morrer. Não parecia certo isso. Alguém tão bom morrer assim. O balão no céu estourou na hora. Como se sua alma tivesse desprendido do corpo.

“Adeus”.

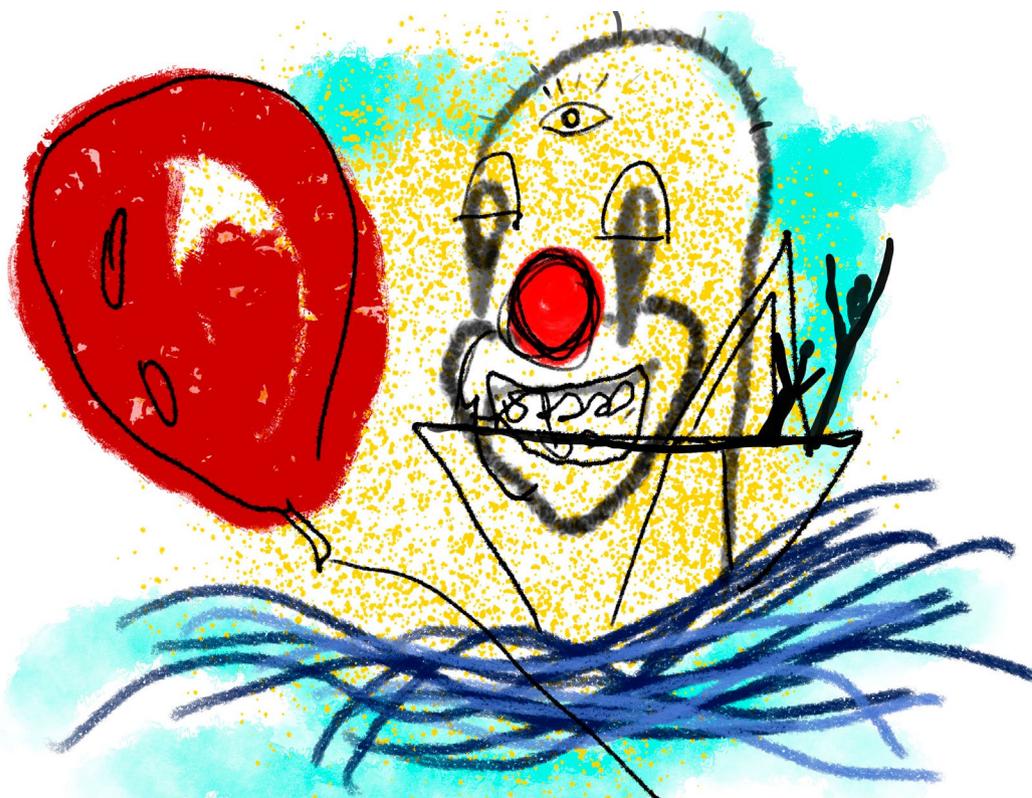
Por que as pessoas morrem?

Minha vó sempre dizia que as pessoas nunca morrem enquanto existir alguém que se lembre delas. Será? Se somos todos os seres vivos e de alma eterna, por que morremos? Por que passar por essa dor?

Mas tudo que é vivo, morre. Árvores, bichos, arruda, milho, manjeriço... Vai ver é na dor que se aprende. Vai ver é na morte que se desprende. Do que é que foi sua prisão... sei lá... Pena Peluda, o espírito de um Índio que acompanha pessoas como Benzinho, disse certa vez que a gente só vive para aprender a morrer. Vai ver que...

Pensando nisso tudo... ouvindo Noturno n°2 Op.9-2, de Chopin. Por aí...

Benzinho passou a noite cavando um lugar de repouso para o corpo de seu amigo. Ao amanhecer, fez uma pequena cerimônia cantando uma música que costumava ouvir de seu pai. “Dorme, meu anjo. Sonha com tudo que fez. Dorme, meu anjo. Que o amanhã já vem. Agora não tem mais medo. Agora não tem mais cansaço. O soninho vem para te dar um abraço. Dorme, meu anjo. Que logo te encontro em alguma nuvem no céu. No meu sonho mais bonito. Em nosso barquinho de papel”.



CAPÍTULO 2

A Ilha Desconhecida

Benzinho completou a cerimônia falando: “Te amo, meu amigo. Tenha certeza de que nunca me esquecerei do seu gesto. Da sua doçura. Das palavras não ditas. Da sua coragem. Sem você, estaria até agora em Beleléu ou dentro das profundezas da correnteza de Oz. Descanse em paz, ou qualquer coisa nesse sentido”.

Quase silêncio. Ele nunca imaginou que seria assim. Não era assim que ele e Clóris imaginaram quando crianças que seria quando finalmente pisassem fora de Beleléu. Mas era inocente demais para saber que as coisas não são como imaginamos. Que os sonhos têm seu preço e sua cor. Que os meandros de cada caminho são as linhas que a gente mesmo traça. Afinal de contas, não era para ele estar sozinho ali. Não era. Mas ele a deixou escapar. A menina com cheiro de manhã quando a gente abre a janela pela primeira vez. Agora era assim que tinha que ser. Ele por ele mesmo. Como quando sua mãe o deixou, sabe Deus por que, num cesto de um rio em Beleléu, a la Moisés, quando era um bebê, à sua própria sorte, no meio de uma tempestade, quando seu pai adotivo, o alquimista Pedro Fogueteiro, o achou. A partir daquele momento nunca foi mais assim, eram sempre dois ou três, nunca um.

Mas o “um” é necessário. Principalmente para se começar uma coisa. Parece que a gente está começando algo aqui. Não havia muita coisa por ali. Nem gente. Mas haveria de ter mais à frente.

Ah! A fumaça que Benzinho e Pipo viram do barco ao longe era apenas um pequeno incêndio na vasta vegetação daquela praia perdida. Mais tarde Benzinho viria a saber que pouquíssimas pessoas se aventuram até aquelas bandas. “Esse mar é amaldiçoado”, dizem muitos, porque sabem que a Correnteza de Oz não perdoa quase a totalidade de quem ousa enfrentá-la. Então permanecem onde estão.

Bom, ele tinha um bilhete, uma dica de onde poderia encontrar Clóris. Não era ali certamente. Então levou num pequeno matulão o pouco que tinha conseguido salvar do seu barco e foi mata adentro. Tinha um pouco de tudo nessa caminhada. Medo do que poderia encontrar. Medo de ser morto ali por algum animal selvagem ou tiro de carabina e tudo então ter sido em vão. Até mesmo medo do escuro no seio da floresta, porque, até onde ele sabia, nunca tinha dormido fora de sua cama e da segurança dos seus. Seria aquela noite e as próximas até encontrar um povoado, qualquer lugar entre as corujas e as fadas.

Entre os sacis e os pirilampos das florestas.

Não sabia caçar. Não sabia pescar. Não sabia xongas do que era era sobreviver nessas circunstâncias.

E olha que ele achava que sabia muita coisa. Talvez para os parâmetros de Beleléu, mas daquele lugar certamente que não. Daquela lugar... “Praia dos Mortos”. Esse era o nome daquele lugar, encontrado em uma velha placa na entrada da floresta. Bem característico de um lugar onde ninguém se atrevia a ir. Talvez piratas e artistas. Mais ninguém.

Voltando ao nosso caminho na história, a noite era alta e nem dava para se ver as estrelas porque mais altas eram as árvores. Benzinho comeu uma pequena banana que trouxe no matulão e improvisou uma cabana com folhas grandes que encontrou por ali. Os sons da mata eram quase enlouquecedores para aqueles que não os conheciam. “Ah! Se Clóris estivesse aqui...”, era o que ele pensava. “Ela sim conhecia a natureza. Ela sim saberia me acalmar e dizer que tudo estaria bem. Ela sim era abençoada por Pena Peluda e entendia seus ensinamentos. A Rainha das flores. Olhos da cor do Girassol”.

E foi assim, pensando nela, que adormeceu sua primeira noite sozinho sob a sinfonia de mosquitos e muriçocas que faziam um grande banquete daquele sangue fresco que dormia profundo de cansaço e esperança no amanhã, que haveria de chegar. Como a noite é, às vezes parece que nunca acaba.

Benzinho sonhou que descia seu barco com Pipo na

Ilha Desconhecida e que, lá chegando, o sol brilhava. Lá embaixo, na areia, Clóris o esperava sorrindo e dando um puxão de orelha brincalhão por ter demorado tanto. Pipo brincava na areia, feliz por estar em terra, feliz por estar vivo - porque estar vivo é o paraíso e o inferno ao mesmo tempo - feliz por estar entre os seus como nos seus tempos de circo. E os três entraram no avião prateado de Clóris sobrevoando a densa floresta rumo a algum lugar que tenha futuro. O sol queimava as costas e eles tinham a certeza do bom caminho, de que em breve seriam mais com o nascimento de um filho, ou dois quem sabe. O mundo fazia sentido. Sair de Beleléu fazia sentido. E aquele pontinho no céu que era o aeroplano ia diminuindo no horizonte e só ficava o negro e o silêncio dos olhos fechados.

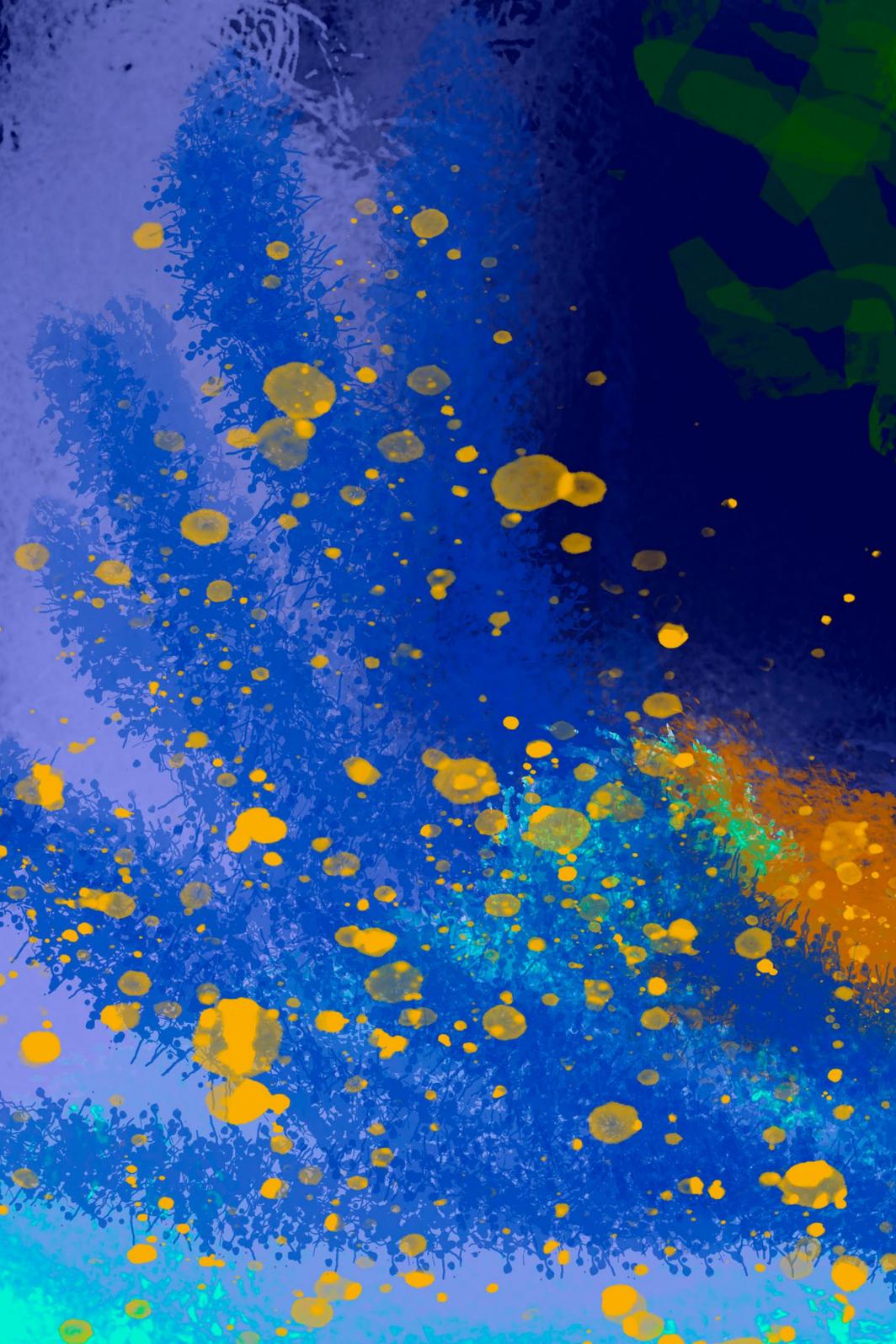
Ele acordou num pulo e estava no meio da floresta ainda. O estranho é que não estava deitado como antes, mas apenas a cabeça do lado de fora da terra. Seu corpo estava todo enterrado e não tinha como se mexer. Por que isso? Quem teria feito isso? Não se via um palmo a diante. Somente o pânico dos sons da floresta que pareciam ter aumentado em 100 decibéis. Como poderia sair dali? Ouvia sons em volta em uma língua que não compreendia. Tinha gente por perto? Quem seriam? Podia jurar que sentiu a língua de uma pantera negra no seu rosto. “Falta muito para clarear, meu Deus!”. Benzinho já estava quase tendo um ataque

de claustrofobia e medo quando surgiu no escuro, novamente, Pena Peluda. A única figura que conseguia ver. Ele sentou-se numa pedra em frente à sua cabeça e fez sinal de silêncio com os dedos. Algo o acalmou e o fez fechar os olhos para modificar tudo que estava em volta. Ele não sabia, mas estava vivendo um rito de passagem dos povos originários.

A tribo dos Lintang Lintang, formada por pigmeus e mais pretos que a noite, moravam por ali naquelas matas, antes de chegar na pequena cidade de Pissirica da Serra. Logo mais falaremos deles.

A cerimônia em que tinham metido Benzinho se chamava “A Morte do Xamã”. Era o rito de passagem dos povos nativos das Américas. Era também a paga daquelas palavras que saíram de sua boca no momento em que ascenderam sobre a Correnteza de Oz, as palavras mágicas que os salvaram da morte certa. Algum dia na vida, todo mundo chega em alguma etapa de seu caminho em que deve aprender lições mais duras. Aprender tem sempre alguma dor envolvida.

A Roda gira e as pessoas devem se encontrar em algum momento com sua face sombria na vida. E as sombras eram muito maiores do que a noite daquela floresta. Os Lintang Lintang sabiam que iriam chegar estrangeiros naquela noite. Que só um seria submetido ao ritual. Que a morte demarca os caminhos e são várias ao longo da vida. Pena Peluda conhecia os Lintang Lintang e



sabia dos seus propósitos. Crescer é um ato de coragem e viver sempre foi uma coisa muito perigosa. Logo após aquele sonho maravilhoso, a descida foi vertiginosa rumo ao Tântatos e seu irmão gêmeo Hipnos.

Benzinho estaria preparado? Claro que não. Quem estaria? Olha, vou te colocar enterrado só com a cabeça pra fora da terra no meio de uma floresta a noite, mas você fica tranquila que não vai acontecer nada, está bem? Você está doido? Não existe outra resposta para um cidadão da qualquer cidade que não comece por aí. Mesmo para um belelense.

A essa altura ele conseguiu, sem saber, um estado alterado de consciência. E era como se estivesse ali, ao lado de Pena Peluda, sentado no éter, observando junto a ele sua própria cabeça enterrada e os animais que se aproximavam e saíam de perto em respeito ao momento. O dia finalmente clareou e para seu espanto estava ele desenterrado, sujo da terra, mas livre, ao lado de um buraco imenso e profundo onde estava seu corpo ao lado. Havia uma seta na terra apontando para uma direção.

Sem querer entender o que tinha acontecido ele pegou suas coisas que estavam por ali intactas e seguiu na direção que a seta indicava.

Abriu caminho pelas densas folhas e encontrou o

aeroplano prateado de Clóris quebrado, pousado por ali. Seu coração disparou e foi correndo ver o que sobrou lá dentro, num misto de ansiedade e terror. Alívio. Não havia um corpo por ali, mas uma carta escrita por ela. Como disse Benzinho, ela pensava em tudo. Uma carta que dizia:

“Meu amor, escrevo na esperança de um dia te encontrar novamente. Se chegou até aqui não se assuste. Estamos bem. Nosso pouso não foi dos melhores, mas conseguimos. Estamos longe de Beleléu e um futuro de novidades nos aguarda. Pelos meus cálculos, estamos perto de algum povoado que me leve a Metrópolis, que é onde preciso chegar. Você tem o endereço em sua mão. Siga para o nordeste. Olhe a bússola que tem nesse avião. Não desista porque eu não vou desistir. A nossa história apenas começou. Sua Clóris”.

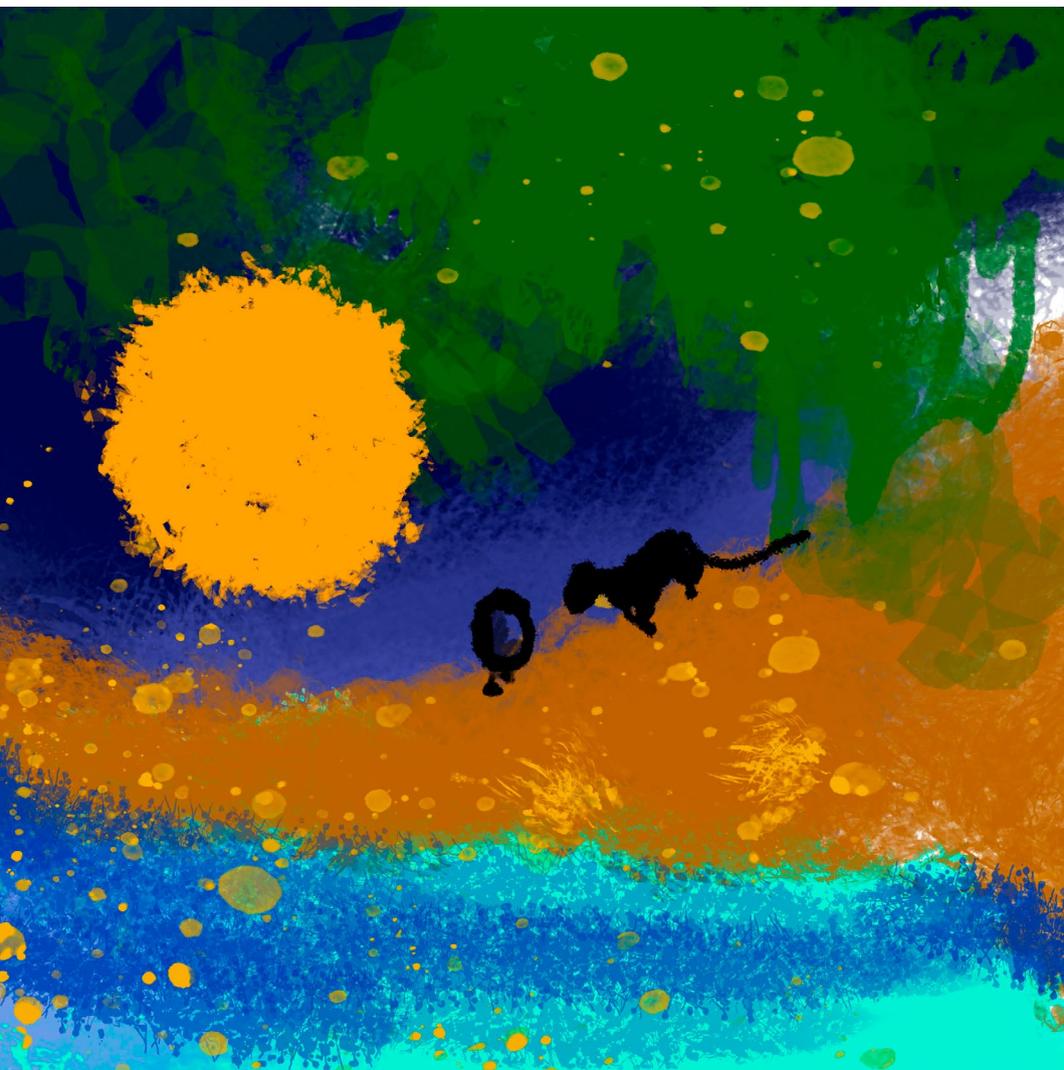
“Como pode ser assim tão positiva”? Pensava ele lendo a carta. “Como pode ser assim tão esperta”? Finalizou dando um beijo no papel, dobrando e guardando no bolso ainda sujo de terra preta.

Se existe um povoado por ali, Benzinho iria descobrir em breve. Dito e feito. Mais 30min na direção que a bússola apontou e aparecia uma clareira onde a floresta acabava e havia uma placa: Bem-vindos a Pissirica da

Serra, terra abençoada por Deus. Será?

O ambiente era rural, muitos bois e plantações. Poucas casas. Menos ainda do que em Beleléu. Por onde passava, as pessoas olhavam para Benzinho de forma torta. Um cidadão estrangeiro, todo sujo de terra, com um matulão nas costas e um sorriso estampado no rosto.

Quem seria ele?



CAPÍTULO 3

A Tampa da Pipoca

Sabe aqueles sonhos que a gente sonha que está pelado, com todo mundo olhando em nossa direção, talvez rindo, talvez fazendo pouco caso e a gente fica se tapando todo procurando algo que cubra nossas vergonhas? Era bem por aí que Benzinho estava sentindo. Parecia um E.T. A bem da verdade, ele era um. Afinal de contas, um cidadão que nasce em Beleléu é quase certo que morra em Beleléu sem nunca conhecer o mundo.

Mas com ele foi diferente.

No fundo, tinha algum respeito naquele olhar bizarro. Ninguém sabia quem ele era. Mas que era alguém importante, deveria ser. Mesmo se fosse um bandido, seria bem possível um bandido importante. “A senhora poderia me dar um pouco d’água de beber”? - disse ele a uma senhora toda de preto que estava na primeira venda. Ela bufou e disse: “Gertrudes. Nessas terras a gente costuma falar nosso nome antes de pedir ou perguntar qualquer coisa.

E o senhor. Qual a graça”?

“Benzinho”- Ele disse.

A senhora falou que isso não era nome de gente, mas que tanto fazia. Já tinha visto piores. Foi no fundo do recinto buscar o tal do copo d’água.

Na venda, sapos secos, farinha, carne para secar, sabão em barra, um pouco de tudo. Também tinha um globo terrestre. Pasmem! Foi a primeira vez que ele viu isso na vida. “Aqui sua água”. Benzinho tomou um belo de um susto que fez a velha banguela rir. “O que foi? Parece que viu um fantasma”?

“O que é isso”?, perguntou Benzinho.

“Nunca viu? O mundo todo está aí, meu filho. Nessa bola. Chama-se globo terrestre. Você é realmente alguém muito estranho. De onde é”?

“De Beleléu. Mas não tem aqui”.

A velha quase não acreditou. Achou que era lenda. Que era coisa da molecada inventadora de histórias ou de alguma das cabeças espalhadas por lá. Logo mais também falarei sobre essa qualidade de gente. Mas deu de ombros e disse para ficar à vontade por ali.

Eram tantos países e continentes que Benzinho ficou tonto. Sabia que existiam, mas a forma, as linhas, as distâncias, eram coisas completamente novas para ele. E tinha tanto mar por ali... tanto mar... Fechou os olhos, com a mão naquele objeto mágico, sua mente voou para outros lugares que ele nunca ousara pisar. A essa altura, provavelmente invencionices de sua cabeça, ou seriam visões do real? Via lagos imensos com barcos lindos a vela. Via grandes muralhas dividindo montanhas. Florestas com bichos coloridos nunca vistos.

Cidades com grandes casas, umas em cima das outras

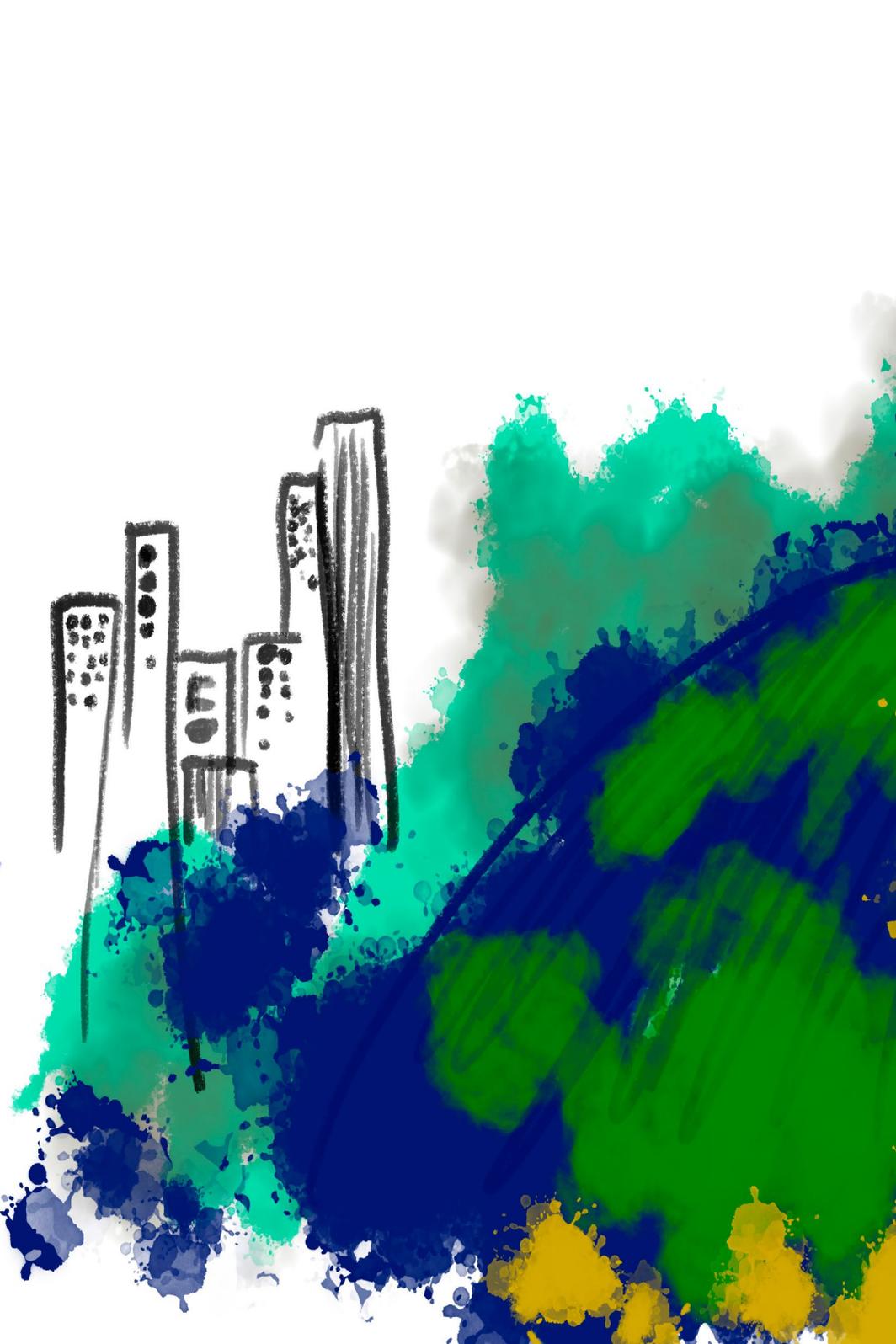
feitas de concreto ou qualquer coisa assim. Muita luz, mas muita sombra também. Pessoas andando como formigas umas atrás das outras. Tanta coisa dentro daquela bolinha, meu Deus. Pobre Benzinho. Feliz Benzinho. Finalmente está prestes a conhecer o mundo de quem é filho. A busca por si mesmo é a maior das aventuras. E assim, no meio dessa epifania, no meio do dia, levou uma bola de papel na cabeça que um dos moleques na rua jogou nele e saiu correndo.

Despertou para o agora. Pissirica da Serra. Começou a andar pelas ruas à procura de algum serviço que lhe pagasse um almoço ou dois. A vida não era muito fácil por ali. Acabou com um serviço de cuidador de cães e galinhas de um dos fazendeiros da região. Parecia serviço duro, mas fácil. Ao menos conseguiria reunir alguma força e recurso para seguir viagem.

Ao chegar à fazenda, avistou, entre plantações de milho e tabaco, uma plantação muito peculiar e familiar ao mesmo tempo. Eram cabeças, só cabeças; uma plantação de cabeças como Tia Tetê de Beleléu. Entendeu então que elas não nasciam como qualquer pessoa, mas como um tomate. Um tomate que só cresce com agrotóxico, mas um tomate. E tinham cabeças de todas as formas e gêneros. Será que em vez de corpos, possuíam raízes. Para que finalidade era aquele tipo de

cultivo? Cabeças fofoqueiras. Não era permitido proximidade de pessoas estranhas por perto delas. Ficavam em cima do monte até atingirem a maturidade e serem transportadas cada uma para um lugar específico nesta e em outras cidades. Aliás, eram artigos de exportação de Pissirica da Serra. Em toda as praças desse mundo, assim como em Beleléu, tinha alguma delas. Falando dos outros, fazendo intriga e contando tudo que podiam e não podiam sobre o alheio. Eram vigias 24h. A quem interessava isso? Logo mais saberemos.

Enfim, era muita novidade e estava apenas no início de sua jornada. Dias se passaram e ele já estava se acostumando com a rotina de trabalho pesado. Logo passou a, além de cuidar dos animais, a plantar e cuidar do tabaco. Mal poderia esperar pelo dia do seu primeiro pagamento. Ninguém perguntava muita coisa para ele, nem ele para as outras pessoas. Era quieto. Tímido ainda. Mas tinha um encantamento nos olhos típico dos inocentes e dos mágicos. Um dia, no meio do seu trabalho, encontrou por entre as plantas uma pedra muito brilhante. Não sabia o que era, mas parecia importante e rara. Pegou um pequeno lenço e a guardou para dar para Clóris assim que a visse. Ela iria gostar certamente. O primeiro presente de sua viagem. Algo sem nome ainda. Um segredo.



O primeiro deles em terras estrangeiras.

Conheceu gente de todo tipo naquela fazenda, mas principalmente negros e sua religião fascinante. Ele percebeu que não estava escrita num livro como a bíblia. Era mantida viva em seus costumes, ritmos e histórias, em volta das longas fogueiras nas madrugadas nos descampados da fazenda. As forças da natureza eram os deuses e a elas prestavam homenagens, respeito e adoração. “Que povo lindo”! Benzinho dizia encantando com o tom e o brilho da pele de seus novos amigos. Olhos de jabuticaba e bocas de morango. Contavam histórias de outras terras tão longe para ele. Mãe África, um lugar mágico, onde viviam cada um em sua tribo, com seus mestres e comandantes, que chamavam de caciques. Com sua língua, seus modos. Disseram que aqui misturaram tudo. Que foram tirados à força de lá e que hoje em dia tentam resgatar sua história. Nesse ponto também se sentiu extremamente identificado com eles. Também estava ali tentando descobrir de onde veio. Reencontrar seu passado e construir um futuro e família.

Começa a entender.

“Reflete a tua essência, Benzinho”!

“Olha, olha,
A volta que o mundo dá.
Auê auê, seu Vira Mundo,
Olha a volta que o mundo dá.”

Só os trabalhadores mais antigos cuidavam da plantação das cabeças. Não era permitido falar sobre ela. Algo estava acontecendo lá pelo seu trigésimo dia em Pissirica. Um rumor muito forte de uma remessa secreta para a fazenda. O que seria? Ele estava quase preparado para seguir rumo a Metrópolis. Essa grande cidade que ficava a muitas léguas a frente. Que guardava, além de novidades, o paradeiro possível de sua amada e mãe de seu filho que ainda estava para nascer.

No dia que se seguiu, Benzinho acordou e foi para o pequeno banheiro que fica bem no fundo do alojamento onde muitos dormem. O silêncio imperava naquele local às 4h da manhã. A tranquilidade de um banheiro vazio só se iguala a um cemitério... enfim. Essa tranquilidade foi quebrada por um barulho de passos e falas estranhas num volume baixo. Ele olhou pelo buraquinho de uma pequena janela atrás do vaso sanitário e descobriu os finalmente daquela conversa toda entre sussurros na fazenda. Chegaram muitos Lintang Lintang amarrados e colocados como escravos nos trabalhos mais pesados e obscuros daquele lugar. Mas isso não pode ser permitido. E os brancos jagunços armados os levando para as filas plantação de cabeças adentro.

Eram pigmeus e não falavam nada da língua local. Olhares assustados com tamanha brutalidade.

Eles moravam na floresta. Perto da praia dos Mortos. Ali não era lugar deles. São das matas. O que estava acontecendo?

Era a tampa da pipoca. Sabe quando a gente começa a fazer pipoca na panela, mexendo a tampa para não queimar e elas começam a pular lá dentro? Era isso. Essa sensação no interior de Benzinho. Se alguém tirasse a tampa naquela hora, era pipoca explodindo para tudo que era lado. Algo se revoltou e posso dizer que talvez pela primeira vez enxergou isso com clareza e clamou por uma palavra desconhecida até então para ele em carne alheia: justiça. Não podia. Simplesmente não podia. Amarrar as pessoas assim e tirá-las de seu lugar para trabalhar em outro sem sua vontade. Aquelas pessoas que lhe deram emprego não haviam mostrado esse lado. Aliás, ninguém falava disso, porque se falasse, não falaria mais dali para frente, se é que entende o que eu digo.

Entraram todos numa maloca escondida no meio da plantação de cabeças, amontoados e assustados. Trancados com um grande cadeado num portão central. “Alguma coisa havia de ser feita”! Ele pensou com um pensamento que quer ser verbo. E será.

Lembrou dos antigos livros de seu pai e seus experimentos em alquimia e tudo mais em busca da nota perfeita. Daria para se construir uma bomba

caseira com fertilizantes. Sim. Ele lembrou: nitrato de amônia, mais um combustível, mais um detonador, tudo na proporção exata e CABUMMMM! Uma onda de detonação que mistura o nitrato de amônia mais o combustível, numa velocidade de 5km por segundo! O combustível ele tiraria de algum trator assim que todos dormissem. A bomba ficaria no cadeado, próximo a porta central e a coragem... bom. E a coragem ele não sabe de onde tiraria, mas estava chegando, pouco a pouco. Precisava garantir que recebesse seu esperado salário nesse dia das mãos dessas pessoas que em breve seriam suas inimigas. Salvar os Lintang Lintang e partir na direção da grande estrada para Metrópolis.

“Você está tão esquisito, rapaz”. Disse o capitão que cuidava dos pagamentos na hora que foi lhe dar o primeiro mirrado salário de tanta luta nesse primeiro mês. “Comeu algo estragado, foi”? E deu uma boa gargalhada, recebida na sequência pelo olhar apático e de desprezo de Benzinho que só pensava no que tinha se proposto a fazer. Não conhecia e nem confiava em ninguém além dele mesmo. Ah! Se Pipo estivesse ali... Mas não estava. Era com ele mesmo e Deus e quem quisesse chegar mais naquela história que não cheirava bem. Até porque tinha estrume no meio.

Tomando um café próximo aquela cena na Casa Grande da fazenda estava o Inspetor Javert, o Xerife da capital que veio lá de “negócios”.

Ele conversava baixo com várias pessoas e recebia maços de dinheiro que guardava cada um em um local diferente. Parecia Euricão Engole-Cobra, prefeito vitalício de Beleléu. Vai ver era da família. “Cara esquisito ele”, Benzinho pensou. Mas é melhor deixar quieto e nem ficar olhando muito.

Tudo estava como combinado com ele mesmo. Dinheiro no bolso. Cinco litros de combustível devidamente retirado nuns vidros de leite. Aquela vontade de uma justiça ancestral que vinha de suas entranhas. Seu matulão para sair correndo após a explosão. Passaria um caminhão a 15km da estrada de terra, já num asfalto da rodovia que levaria à cidade. Os Lintang Lintang voltariam para a floresta, assim ele esperava. Seguiria sua busca.

Meia noite. Todos dormiam como o céu azul dorme no espaço. Menos Benzinho com os olhos de fogo. Não tinha guarda na frente. Eles achavam que ninguém tinha visto o cativoiro. O esconderijo dos novos escravos era no meio da plantação de cabeças. Elas, apesar de novas, fariam uma gritaria tremenda se vissem alguém se aproximar. Mas Benzinho conhecia tia Tetê, a cabeça de sua cidade em Beleléu, sabia que o fraco desses seres era o cigarro. Cada cabeça que acordava ele acendia um e colocava na boca dela. Ela fumava tranquila e esquecia de todo resto. Até porque não tinha mão para retirar o cigarro de sua boca e não queriam desperdiçar

deixando-o cair no chão inteiro e aceso.

Chegou até o portão. Pena Peluda estava lá, dando seu aval para o que iria acontecer. Benzinho imitou pássaros para chamar a atenção de algum prisioneiro. Conseguiu. Os que chegaram e o avistaram por uma fresta entenderam que eram para ficar o mais longe possível daquela porta. Tudo feito com gesto e silêncio. Afinal. Era secreto aquele momento. Ninguém falava a língua do outro. Tudo pronto. Quinze cabeças fumavam e olhavam o movimento sem entender e sem tampouco se manifestarem. As outras dormiam. Os Lintang Lintang se acotovelavam longe da porta. Benzinho acendeu o pavio de sua primeira bomba com um dos cigarros que tinha. Eram dez segundos a partir dali. Agora era correr. 15... 14... 13... Ele entre palpitações de quase morrer do coração se lembrou das brincadeiras de pique quando criança com Clóris e outras crianças de Beleléu. Como ele era ruim em correr. Deu um sorriso nervoso e tropeçou numa das cabeças que acordou na hora e começou a gritar. Logo mais todas as outras acompanharam o caso. Os cachorros começaram a latir. A luz da Casa Grande acendeu. 8...7...6... 5... Ele se levantou e continuou correndo. Olhou ao longe e viu o que parecia ser Javert num cavalo se aproximando com outros três capangas. Agora era tarde. Está feito. Os Lintang Lintang já gritavam eufóricos lá dentro. 3...2...1... CABUMMMMM!



CAPÍTULO 4

CABUMMMMMM!

É impressionante como a morte iminente nos transforma em borboletas. A partir de certa peripécia, a vida toda se resume em gastá-la ao máximo para não ter a sensação de ter morrido em vão... na hora de morrer, é claro. Assim como as borboletas que eram lagartas e nunca conseguiriam voar desse jeito, de repente se veem lindas e com asas, mas com apenas dias de vida. O que fazem? Dão seu jeito de vivê-los, qual o quê? E nesse momento foi assim: CABUMMMMMM! Merda para tudo que é lado. Gritos de alegria e pavor e um corre-corre danado. Cabeças literalmente rolavam, mas eram da plantação de cabeças, o que dava aos Litang Litang certa margem de tempo porque a prioridade era não perder tão caro produto e já quase em fase de exportação. Os cavalos se aproximavam comandados por Javert que a essa altura já avistava Benzinho correndo como um louco ao lado de todos os pigmeus mais pretos que a noite. Benzinho ria de um riso nervoso daqueles que só os realmente livres riem. E era assim que ele se sentia: livre de verdade. Pela primeira vez seguiu seus impulsos na hora e fez o que achava que tinha que ser feito na hora que tinha que ser feita a coisa. Se tivesse feito isso tempos atrás

estaria agora ao lado de Clóris em algum lugar (que ele ainda há de encontrar nessa jornada).

Mas vamos lá. Com a explosão não se ouvia mais muita coisa além de um zumbido monocórdio e tudo parecia meio em câmara lenta para quem estava na ação. Todos corriam para a floresta. Afinal, ali era o final da fazenda e a floresta e as matas eram de domínio total dos Litang Litang. Muitos já tinham conseguido. Os poucos que estavam por ali eram mais velhos e fracos. Um senhor que deveria ter uns 50 anos estava machucado e mancando. Um cavalo com um dos capangas de Javert ia em direção a ele. Benzinho que corria para outra direção não se conteve e parou. Sacou um estilingue que guardava em sua bolsa, um dos poucos itens que trouxe de Beleléu, pegou uma pedra pontuda e mirou bem na cabeça do atacante. Zuimmmmm! O cavalo empinou em frente ao senhor e a pedra acertou nesse exato momento a nuca do malfeitor, que caiu feito jaca no chão e bateu a cabeça na rocha.

Morreu? Vai saber. O fato era que salvou a vida daquele ex-escravo que, apesar do ferimento, pulou no cavalo com destreza e partiu na direção de Benzinho que estava na mira de Javert que se aproximava. Era o pigmeu de um lado, Javert do outro e Benzinho encolhido no meio. O pigmeu foi se aproximando, estendeu a mão para Benzinho que entendeu o recado e, num golpe de mestre, puxou o rapaz para a garupa de seu novo

cavalo e foram os dois rumo à floresta dando uma curva no galope, escapando dos tiros de garrucha que Javert dava em direção aos dois. Uma das cabeças rolou na direção das patas do cavalo de Javert que caiu lesionando gravemente a perna do delegado (é fratura exposta que chama?), acabando de uma vez por todas a perseguição.

O sol começava a nascer e a vista que tinha de cima, que só os autores e os leitores podem ter no momento, era daqueles montes de pontos pretos na floresta correndo para sua liberdade novamente. Algumas cabeças rolando morro abaixo. Cavaleiros tentando conter o fogo e o que sobrou da plantação. Um cavalo com Benzinho e o Pigmeu desconhecido ao fim de tudo embrenhado na floresta.

Já estavam a salvo. Eles pararam e Benzinho pode finalmente conhecer seu salvador e vice-versa. Ele tinha uma grande ferida nos pés. Benzinho improvisou uma tala e conseguiu estancar o sangue do novo amigo que olhou fundo nos olhos dele, pegou um pouco de seu sangue que estava derramado pela ferida e passou na testa, no coração e na mão de Benzinho. Logo após deu um abraço. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas era uma cerimônia de agradecimento. De agora em diante, estavam ligados por laços de vida e morte. Assim era o costume dos Litang mas, como a língua era enrolada demais e ininteligível, obviamente Benzinho

só intuiu aquilo tudo. Pediu para seguir sua tribo na floresta e permaneceu imóvel, com a cabeça baixa e as mãos no coração, olhando para o nada. Pena Peluda apareceu. Porque ele sempre vinha do nada, no meio do nada, e sem apresentações. Apontou para a estrada, sobrevoou os dois. Depois, somente seu rosto em grande proporção ficou à frente dos dois e de seu cavalo. Se bipartiu em duas bocas e duas línguas. Cada um ouviu como tinha que ouvir e entendeu como tinha que entender:

“Tudo está em equilíbrio agora, mas os homens são fracos e pequenos. Todos precisam da sabedoria do Grande Espírito para seguir a Jornada”.

E eles falaram, cada um na sua língua, essas palavras como que possuídos por uma força maior.



“Deixa-me caminhar na beleza
e faça meus olhos
sempre o vermelho-violeta do pôr do Sol.
Faça minhas mãos respeitarem as coisas que fez, e
meus ouvidos atentos para ouvir a voz.
Faça-me sábio para que eu possa entender
o que ensinou ao meu povo
e a lição que escondeu em cada folha
e em cada pedra.
Eu peço sabedoria e força,
não para ser superior aos meus irmãos,
mas para combater o meu maior inimigo:
eu mesmo”.

E assim abriram dois caminhos numa dupla chama que não os queimava. Uma ia em direção à floresta e outra para a estrada. Pena Peluda sumiu. Eles sabiam o que fazer. Era hora para uma breve despedida até o próximo reencontro. Benzinho o chamou de Sexta-Feira em homenagem ao personagem em Robson Crusóé, um livro que seu pai lia para ele quando era moleque. E Sexta-Feira o chamou de Kaelokan, que em sua língua queria dizer “milagre”. Deram um abraço certos de que se veriam novamente, com uma cumplicidade daqueles que se conhecem há muito tempo.

Sexta-Feira tocou seu cavalo para a floresta e Benzinho, recém-batizado de Kaelokan, partiu para a estrada em busca de algum lugar que tenha futuro. Existe um futuro certo ou o desconstruímos a cada fungada no ar? Vai saber. Pergunte ao Grande Mistério. Mas com um nome desses duvido que irá te responder.

Um caminhão aparece na estrada. Um sinal de carona. Ele para e acolhe Benzinho rumo a Metrópolis. Mais um degrau no caminho para seu despertar.

CAPÍTULO 5

Metrópolis

Uma cidade de verdade. Com todo seu concreto e sua vida frenética. Todas as suas luzes, riqueza e pobreza. Isso nunca tinha sido uma realidade para Benzinho. Ele ainda não havia conhecido. Não preciso dizer que ficou maravilhado e, logicamente, amedrontado com aqueles prédios todos que estavam à sua volta. Ouviu falar das cidades em Beleléu. Chegou até a ver algumas numas cenas de novelas na única TV existente na sua terra natal, que ficava na praça central. Mas vocês sabem, pegava mal pra diabos e ele não gostava dessas coisas. Sempre tinha algo mais interessante para fazer... Mas lá estava ele agora.

Vou te dizer uma coisa. Era Natal. Ele nem tinha se dado conta disso. Na fazenda em que estava, pouco se sabia de datas, além do dia do pagamento, é claro. Para quem recebia, é claro. Mas era Natal. E fazia um frio dos diabos. Benzinho estava se sentindo o mais só dos mortais naquele beco em que Raimundo, o caminhoneiro da carona, o deixou. Era o final da rua da Ajuda. Desembocava na grande praça dos comércios e todos andavam apressados com várias sacolas de compras na mão. Todos uma vírgula. Fora as cabeças, como Tia Tetê de Beleléu, e as da plantação da fazenda

clandestina, que não tinham nem mãos nem nada quase, quase nada além da frente e da vontade de falar do alheio e que ficavam em pontos estratégicos daquela e de todas as praças.

Havia muitas outras tantas pessoas pelas ruas, nitidamente pobres, nitidamente invisíveis aos olhos daqueles que sorriam em pacotes, com pacotes e pelos pacotes com seus casacos coloridos de festas. Benzinho ficou um tempo sentado num banco verde que vira por ali. Ele, sua trouxa e seu pensamento de como iria encontrar Clóris em meio aquele furdunço todo instaurado. Tinha um endereço na mão, mas não tinha ideia de como iria encontrá-lo. Não era bem um endereço. Estava escrito assim: “Mandragora officinarum – Casa Secreta - Metrópolis”. Entendem a dificuldade daquele homem lá? Entendem o barulho que ele tem na mão? Mas, desde que começou sua caminhada para fora de Beleléu, nunca pensou em desistir e não seria agora. Eram muitos pontos de distração para essa pessoa que descobria um mundo dentro de uma cidade. Carros, transporte público, indiferença, invisibilidade, luzes e tantas coisas que faziam daquele lugar algo novo e digno de exploração. No meio da praça tinha um piano, ao lado do piano, uma cabeça; tocando aquele piano um senhor idoso dedilhava músicas natalinas para quem quisesse ouvir. E ele tinha emoção nos olhos ao tocar. Começou a

chover em cima dos dois e de quem estivesse embaixo do céu sem marquises ou guarda-chuvas. Benzinho foi um que correu para a primeira vitrine que viu pela frente e, qual o quê, era de uma padaria em meio aquela fome que começava a fazer sentido em seu estômago. Não se deu conta, mas estava a quase um dia inteiro sem comer. Parece que fazia sentido também para os três garotos que olhavam para frangos rodopiando naquelas máquinas de chamuscar galletos. Era a melhor novela que encontraram. Benzinho tirou parte do que ganhou de ordenado e comprou um frango para cada um, inclusive para ele. Não falaram muita coisa, mas comeram muito. Nenhum dos três sabia onde ficava a tal da casa da Mandrágora. Eles moravam a muitos quilômetros dali e dormiam na rua durante a semana para tentar a sorte por ali como deram hoje. Voltavam só aos fins de semana para as comunidades que moravam. Ele até então não tinha ideia do que seria a tal comunidade, mas estava prestes a descobrir. Nas cidades, diziam, falavam de uma “lei da selva”, mas a selva ali era de prata e cobre. Era uma lei que os ditos espertos sabiam advogar e que não era justo para todos. Como também não era em Beleléu, pensou Benzinho. Descobriu que o prefeito de Metrópolis era nada mais nada menos que Fausto, primo de Euricão Engole Cobra, prefeito de Beleléu, ora vejam você. A política estava no sangue da família. Notoriamente no

sangue e pelo sangue, derramado.

Eles ficaram tão comovidos... E pela primeira vez ninguém naquela noite se sentiu mais só. É preciso dar um pouco de si para se completar, entende? Deixa pra lá, por agora. Ele poderia ter ido para alguma pousada barata, mas não conseguiu deixar aqueles garotos naquela noite. Foi com eles para um lugar daquela praça onde tinham armado uma pequena estrutura de papelão que era a casa da semana para eles. Sentaram ali e Benzinho, como um contador de histórias, falou daquela terra distante e lendária para eles chamada Beleléu, seu amor por Clóris, sua busca pela mãe, a busca do pai por algo que ninguém acredita, do amigo Pipo que se sacrificou por ele, tanta coisa naquela coisa e foi como se tivesse esvaziado pela primeira vez e vomitado muita coisa que estava entalada em sua garganta.

Os garotos ouviam maravilhados e, quando a madrugada fria já acabava, estava apenas Benzinho falando e as crianças dormindo por ali sorrindo de terem encontrado essa pessoa que conseguiu enxergá-los em Metrópolis. Isso não é pouca coisa. Benzinho percebeu que só ele falava e riu também. Além dos meninos adormecidos, um pequeno cachorro estava ao seu lado, balançando o rabo e oferecendo amizade. Benzinho deu um pouco do que sobrou do frango. “Deus te acompanhe, Marronzinho”. E fez uma festa

naquela cabecinha feliz. “Vou te dar o nome de Rabujo, porque você tem uma cara de bravo que não engana ninguém”... E assim uma nova aliança foi feita e os dois finalmente dormiram um pouco sentados naquele papelão de sonhos sobre as estrelas.

Ele recebeu um convite para passar a noite de Natal na casa dos meninos da comunidade do Gambá, onde tinham seu barraco, falaram. Passou o restante da semana sem parar para nada, ele e Rabujo, procurando emprego e a tal da Casa Secreta de Clóris. Ninguém estava disposto nem a uma coisa, nem a outra. Era final de ano. O mundo, diziam, estava em crise sistemática, sistemântica, sei lá o quê. Não havia espaço para ele, muito menos para Rabujo, que parecia não se importar com isso. Pipo iria gostar de Rabujo. “Ah! Que grande amigo era, Pipo”.

Ele arrumou um hotel barato para dormir toda noite. Levava Rabujo escondido na sua mochila para dormir com ele no pequeno quarto. Ao lado dele nos outros quartos, prostitutas, outros viajantes em busca de alguma coisa, estudantes pobres, muito tipo de gente. Sabe o que eles tinham em comum? Todos gostavam de ouvir um pouco as histórias daquela pessoa tão excêntrica de tão pura que era o Benzinho. Não tinha algo de intoxicado que os outros levavam no corpo. Tinha uma esperança encruada. Uma certeza de que iria alcançar aquele sonho dele. Essa certeza que os



outros esqueciam. Era quase uma criança. E como era órfão, adotado, abandonado e abandonante de alguém que lhe era caro, se identificava também com cada um daquele lugar.

O dinheiro estava quase acabando. Dava só para pegar uma condução e ir para a comunidade do Gambá na tão esperada noite de Natal com seus três primeiros amigos. Sim. Ele aceitou o convite feito e como a palavra para ele é coisa séria, ele foi. Agora, assim como os meninos, só conseguia comer uma vez ao dia e estava já ficando mais magrinho. Rabujo sempre escondido em uma pequena sacola que levava. Não fazia barulho nessas horas, mas nas outras... esperto era o bichano... Depois de chegar ao pé do morro e quase uns dois mil degraus acima, chegaram na pequena casa onde moravam pelo menos 7 pessoas além deles. Foram recebidos com um grande sorriso. A partir dali o dia e a noite que se seguiram foram só alegrias. Um pinheirinho seco com algumas bolas de isopor coloridas penduradas no quase único cômodo, além de uma pequena cozinha. Latas ajudando a esquentar uma água para o feijão e arroz. Uma panela quebrada fazendo muita farofa com um pouquinho de frango que tinha sido separado para essa ocasião especial. Não havia troca de presentes, como se anunciava na casa dos mais abastados de Metrópolis, mas havia troca de carinhos, amor e daquela mola que nos mantém vivos,

a esperança.

Um gosto bom na boca daqueles que naquele dia cantaram, brincaram e também comeram como há muito tempo não faziam, juntos em família. Então era assim. Esse sentimento de ter uma mãe e pai juntos numa mesa na noite de natal. Por incrível que pareça Benzinho nunca tinha passado por isso. Era sempre ele e seu papai Pedro. Beleléu era muito pequeno e cheio de nove horas. Era cada um no seu quadrado principalmente em momentos mais tradicionais. Famílias juntas sem “intrusos”. Vai entender. Também incrível que, pela primeira vez desde a descoberta do lado de fora de Beleléu se sentiu livre e amado. Sentiu que valeu e que, principalmente, valerá muito a pena pelo doce e pela azedo da caminhada. Ele bebeu também um pouco de cerveja. Não bebia álcool. Não tinha interesse antes. Mas ali estava entre os seus e se sentiu seguro. Ficou tonto. Ficou bobo. Impressionante que, justamente ali, entre os mais pobres, no lugar mais pobre que conheceu até então do dito mundo todo, reencontrou o amor e a amizade, o acolhimento e a solidariedade que não encontrou entre os mais abastados da cidade ou mesmo em sua terra natal. Os ricos que encontrou, não se interessavam em ajudar. Quando ia por vezes pedir comida em alguma porta era escorraçado como um cachorro magro.

Na verdade, os cachorros tinham mais vez com eles e de vez em quando ganhavam uma sobra. Tinha hora que era recepcionado por policiais unicamente por estar importunando as figuras. Mas ali era outra coisa. Quanto menos se tinha, mais se dividia e aprendia a dividir. Sejam sonhos, seja um prato de feijão, seja um sorriso que iluminava qualquer dia, ou noite no caso. Queria tanto que Clóris estivesse ali com ele, e Pipo. Eles iriam se dar tão bem com aquela linda família. E com Rabujo, o cãozinho com olhar tão perdido como o dele. Até mesmo Sexta-Feira iria gostar, pelo pouco que conheceu do Pigmeu. Benzinho agradeceu a Deus por aquele momento, por estar no caminho certo, seja ele qual for, por não ter medo ali e por voltar a acreditar na humanidade com aquelas pessoas tão doces de tão pobres, tão pobres de tão pretas, tão pretas de tão lindas. Fechou os olhos sorrindo e adormeceu no pequeno sofá enquanto todos conversavam sobre as pequenas felicidades da vida.



CAPÍTULO 6

A Queda

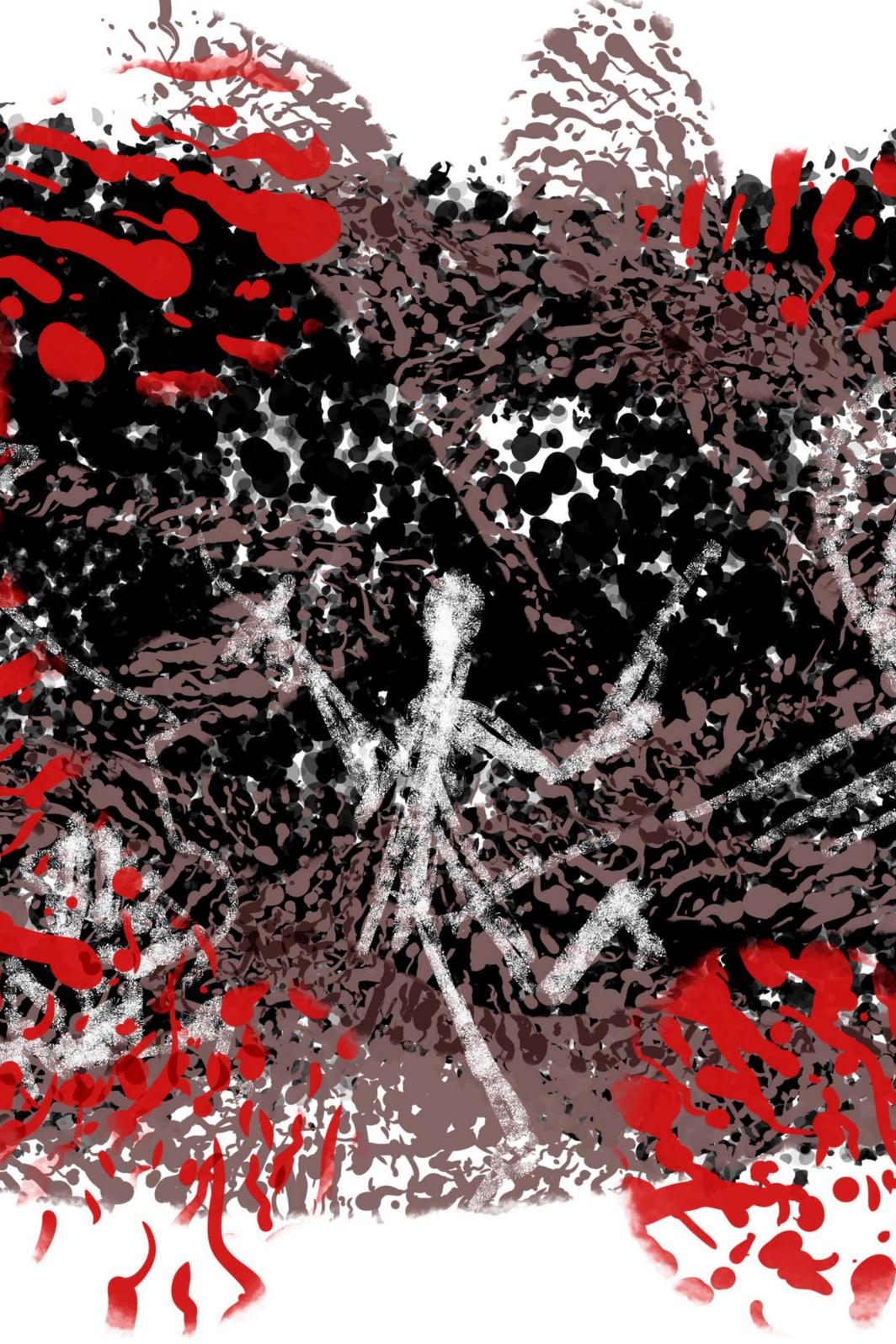
Ele acordou um pouco quebrado e saiu para passear e conhecer as redondezas. Quem sabe alguém dali sabia sobre a Casa da Mandrágora? Queria retribuir toda a gentileza da noite passada para os novos amigos, mas não sabia como. Não tinha um vintém dentro do bolso mais, nem para voltar para o hotel barato. A partir de agora, aliás, chegava a pensar em ficar como os garotos, nas ruas, por pura falta de opção. A fome apertava porque a “ceia” foi um pratinho bem modesto na noite passada. Ele foi até um pequeno mercado que havia ali e viu um saco de papel com leite e meia dúzia de pães. Aparentemente alguém o tinha esquecido. Mas ele também não perguntou e fez algo que ele nunca havia feito antes. Pensou com a barriga junto do coração, pegou o saco num relance jurando a si mesmo que pagaria tudo assim que arrumasse dinheiro e saiu correndo para fora do mercado com o pequeno saco na mão. Sua ideia: dar um belo café da manhã para seus anfitriões e matar a fome de todos naquela manhã pós-natal.

Tinha um sorriso nos lábios de alguém que tinha feito uma travessura inédita, mas tinha também um medo do que poderia acontecer. Já tinha visto alguma coisa

sobre as injustiças das cidades naquela TV velha de Beleléu. Tia Tetê, a única cabeça de sua terra plantada na praça central também contava umas histórias sobre criminosos e bradava o quanto essa espécie de gente, segundo ela, não merecia nem direitos humanos... enfim... parecia que tinha dado certo. Estava quase chegando na casa de seus novos amigos. Deu um suspiro aliviado e PAMMMM! Levou uma cacetada na cabeça e caiu desmaiado. Era a polícia que vinha acompanhada do dono do mercado. As coisas não iriam ficar nada bem para Benzinho a essa altura da história. Acordou como que de ressaca. Mãos algemadas numa cadeira na Associação de Moradores do local. Um círculo de pessoas em volta, incluindo a família tão linda que o abrigou na noite passada e Rabujo, que tinham olhos lacrimejados porque conheciam bem aquele tipo de exposição pública desumanizante. Quando conseguiu abrir um pouco mais o olho pode ver uma figura de um passado recente, Javert, o delegado que o perseguiu e o viu libertar os escravos da fazenda de Pissirica do Norte. Olhava-o com olhar superior e de vitória. Finalmente tinha pego o homem que deu tamanho prejuízo ao senhor de escravos, seu sócio. Ao lado de Benzinho, uma das cabeças plantadas na Associação proferindo palavras de ordem de como um “cidadão de bem” deve se portar para se manter em harmonia com a sociedade e sua moral e bons costumes. Era

uma versão remasterizada de Tia Tetê, sem dúvida. Agora começava a compreender a influência nefasta desses vigias bizarros pelas cidades e pelos campos. A propagação de doutrinas dominantes.

A vigilância constante, a punição e condenação sem o devido julgamento. As verdades são inventadas, como sempre. Assim era em Beleléu e assim era no dito mundo de fora. Ele roubou um pão e leite, era verdade. Mas foi só isso. Por fome e por amor. E certamente iria pagar no futuro o que o redimiria da classe dos novos larápios..., mas não havia o que fazer ali. Era muito policial com arma na mão. Muita cena montada. Junto dele, mais umas 20 pessoas que foram detidas numa chamada “operação no morro” para deter bandidos e tráfico de drogas. Até esse momento, Benzinho nem sabia o que era isso. Era inocente, eu disse a vocês. Tinha até televisão no local, repórter e coisa e tal filmando a pachorra toda. “Mas o que foi que essa gente fez, meu Deus? O que foi que eu fiz?”, pensava Benzinho entre acordando e não acreditando que aquilo estava acontecendo. Entre negros e pardos como ele mesmo, todos pobres, acorrentados como os escravos, formaram uma grande fila e iam entrando em um veículo policial onde socavam pelo menos uns dez lá dentro. Destino: Alcatraz - Penitenciária de segurança máxima de Metrópolis. E assim foi feito. Benzinho chegou ao inferno.



CAPÍTULO 7

Cartas da Gaiola

Não me atrevo a contar o que se sucedeu. Deixo aqui as cartas que o personagem me deu de seus momentos no Tártaro. Sim, a partir de certo momento na história, não sei mais de tudo. Eles, os personagens, ganham autonomia e conduzem seu próprio destino. Mais ou menos assim. Nesse capítulo, deixo a vocês, leitores, cartas de próprio punho por Benzinho dos meses que se passaram. Como diria Guimarães: “Viver é etc.”

Carta 1:

“Mãe, sei que essa será mais uma carta escrita para você que nunca lerá, mas espero que esteja em algum lugar desse mundo que comecei a encontrar, que sinta essas palavras no seu coração, que me entenda no que é possível compreender. Perdoa escrever do último lugar que uma mãe gostaria que o filho escrevesse, na cela de uma cadeia num lugar qualquer. Seja em Beleléu ou aqui, gaiola é gaiola, e é onde estou. Mas... desculpas. Mais desculpas. Porque eu não sou mau, mãe. Não sou bandido. Estava com fome e grato. Iria pagar pelo pão e leite depois. Eu juro. Não sou ladrão. Meu pai não me ensinou assim (você iria gostar de papai), por isso sinto um peso enorme a cada letra que sai dessa caneta quase sem tinta que arrumei, no pouco papel que me resta. Aquela impressão de estar me olhando escondida a toda hora ainda persiste. Como eu queria um cafuné seu agora. Um simples “vai ficar tudo bem, filho”. Como as mães dizem aos filhos daquele jeito mãe de dizer. Talvez eu acreditasse. Agora está difícil qualquer coisa. Pipo não está mais aqui. Pai está em Beleléu. Estou procurando Clóris e essa é uma notícia boa que ainda não tinha te escrito: você vai ser avó. Que jeito atravessado de te contar isso, né? Que tipo de pessoa me tornei que a deixei assim, por covardia, subir naquele aeroplano prateado e agora se encontra

em algum lugar cada vez mais distante para mim, mãe. Não conheço todas as coisas como elas são. Parece que precisa ser do pior jeito. Precisa? Mas estou reparando meus erros e sigo ainda na esperança. Quem sabe nessa busca também te encontro. Outra coisa boa, não é? Enfim... preciso parar como precisei começar. A agonia está esquisita aqui dentro. Ao menos estou sozinho porque sou considerado de alta periculosidade, já que o delegado me reconheceu como o rebelde que libertou escravos noutra sítio... Outra história que não te contei. Por hora, um beijo do teu filho. Tenho um coração bom, mãe. Acredita em mim. Não era para estar aqui.

Com amor, Benzinho



Carta 2:

“Pai, quando me despedi, prometi que iria me cuidar e que nunca iria me esquecer de você. A primeira parte acho que errei na mão, a segunda é impossível não cumprir. As coisas saíram fora do controle e relutei em te escrever essa carta, ainda que saiba que nunca chegará em Beleléu, provavelmente, porque os pombos não costumam funcionar na vida real para esse fim. Estou, provavelmente, há semanas agora preso numa gaiola. Chama-se Alcatraz e fica em algum lugar perto de Metrópolis. Os motivos não valem a pena te contar agora, me revoltam o pensamento. Já senti todo o tipo de culpa, mas agora me resta a certeza de que não era para estar aqui. O lugar fede a suor azedo e as poucas pessoas que encontro, em 30 minutos de sol por dia, querem me ensinar coisas que não quero aprender. Dizem coisas de um mundo que não vim conhecer. Muito diferente daquele que você quer mudar com sua nova cor do arco-íris. Acho que é isso. Esse lugar precisa de um grande arco-íris. Acho que meu coração precisa desse arco-íris para voltar a ser feliz. Todo dia, um delegado chamado Javert vem até minha cela com mais dois policiais e me submete a torturas querendo que eu diga para que órgão rebelde ou partido eu trabalho. Eu digo que nem trabalho eu tenho, que vim de Beleléu e ele diz que nosso lugar não existe, para eu

parar de ser bobo e de agir como bobo. Que eu tenho que dizer essa verdade que só ele está enxergando. Eu te juro que se existisse alguma coisa além eu falava para esse sujeito, mas o senhor me ensinou a falar só a verdade e é isso que estou fazendo. Quem sabe um dia ele acredite. É que eu libertei uns escravos e ele acha que eu sou contra o quem manda aqui. Tipo Euricão Engole-Cobra e seus amigos ditadores. Eu sei o tipo de gente que ele é chegado. Pior. Eu sei do que ele é capaz. Mas não sei quem ele procura em mim e nem diria se soubesse. Posso não saber o que busco, mas eu sei quem sempre fui, pai. Obrigado por mais essa. Por me manter são em meio a esse inferno aqui. Essa gaiola de passarinho em que fui me meter. Sabe, eu fico naquele quadrado de luz de sol que entra pela janelinha, fecho os olhos e me lembro das nossas tardes assistindo à noite chegar. Sem falar nada, porque você nunca falou muito. Então, o meu silêncio aqui é sua presença para mim. É a certeza de que verei outros entardeceres ao lado das pessoas que eu amo. Eu te amo, pai. Aconteça o que te acontecer, eu te amo. Na medida do possível estou tentando manter minha promessa primeira de me cuidar, me mantendo íntegro até que isso tudo passe. Vai passar. Porque tudo passa, né, pai?

Amo-te,
Benzinho”

O rapaz aprendeu com um chinês vizinho de cela como se tatuava a pele com uma agulha e alguma tinta de caneta e, num dos tantos momentos de claustrofobia e incerteza, decidiu fazer o que fazia melhor: contar histórias. Só que ele precisava contar a sua história no seu corpo. Precisava marcar seus momentos. Precisava o tempo todo lembrar quem ele era para lembrar que precisava ir em frente. Fugir da desesperança. E começou tatuando com todo o tempo que tinha naquela cela sua vida. Sua mãe que não conheceu no coração. Seu pai no centro do peito na busca por sua nova cor. Clóris e seus girassóis no braço. Pipo com ele no navio sobrevoando a Correnteza de Oz no outro. Rabujo no antebraço. Sexta-Feira em seu cavalo perto da costela. Fez um pequeno livro de memórias e cicatrizes de sua história. Ficou orgulhoso de seu caminho. Começou a entender um pouco mais Pena Peluda e seus mistérios transmutando a dor em arte. Consolidando sua identidade. Entendendo sua guerra e sua paz. O que quer levar para fora dali. O que quer deixar apodrecer naquela gaiola.

Carta 3:

“Para Clóris e nosso filho ou filha.

Amor, sua barriga deve estar grandinha agora. Queria que soubesse que estou à sua procura. A procura de vocês. Até mesmo na procura de quem eu posso me tornar a partir de onde estou. O que fica de mim. Algum dia te conto isso tudo, mas não será agora porque me dói o coração pensar que um dia saberá de tudo isso aqui. Uma coisa precisa saber. Nosso amigo Pipo se foi. Como um guerreiro e fiel amigo na sua busca. Sim. Saímos de Beleléu. Sim. Estou conhecendo o princípio do mundo. Sim. Quero começar sempre com essa palavra quando falo com você. Quero que seja sempre um sim. O “não” me afastou de nós, me partiu em pedaços que está difícil de juntar. Ainda não vi um trem. Acho que Deus está guardando o momento para vermos juntos, amor. Tento manter a serenidade. Tento ler seus pensamentos quando escreveu Casa Secreta da Mandrágora ou coisa assim. Onde você está? Onde vocês estão? Sei que um homem nunca entenderá 100% uma mulher, mas poderia ser um pouco mais específica da próxima vez? Mais uma de suas traquinagens, mas, com certeza, teve seus motivos, como sempre. Sinto saudades suas, olhos de girassol. Olha, o mundo está me saindo diferente de

como a gente o imaginava, mas acho que isso devia ser previsível, não é? Estou vendo uma aranha amiga descer agora na minha frente. Quietinha fazendo sua teia. Dei um nome para ela dias atrás. Charlotte. Ela está me ensinando a arte da paciência. A tecer meu próprio destino. Sou esquisitão, você sabe. Que tipo de pessoa conversa com aranha? Eu. Você me conhece. Tanto que sabia que iria te deixar partir de primeira vez. Tanto que estava certa que iria atrás de vocês. Me conhece às vezes mais do que eu mesmo... Fique certa de uma coisa. Já chego aí onde quer que esteja. Te amo. Já não preciso esconder mais nada. Nem de mim. Vou dar meu jeito. Sou responsável pelos meus sonhos e tão grande quanto eles. Eles não cabem aqui onde estou. Estou ficando mais forte, amor. Que nem você. Só me falta um pouco de sorte e...”

Benzinho, interrompeu a escrito porque veio um estrando muito grande na parede de sua cela que o jogou contra a outra parede bruscamente o fazendo amassar o papel na sua mão. CABUMMMMM!

Novamente e separado por três capítulos. Benzinho abre o olho cheio de poeira e vê a sua frente Sexta-Feira montado num grande cavalo, segurando Rabujo e estendendo a mão para Benzinho. É. Ele veio te salvar e salvar essa história de um final triste. Benzinho montou na garupa do cavalo. Não é que os Lintang Lintang aprenderam a fazer a tal bomba?

Do lado de fora, além de Sexta-feira, mais ou menos trinta deles com seus arco e flechas em punho, montado em cavalos dando retaguarda para a grande fuga. Era tanto preso correndo livre e cavalo e flechada e guardas rendidos que abriram caminho para a liberdade que eu nem consigo contar direito para vocês o que aconteceu depois do grande CABUM parte dois. Alcatraz ficava no meio de uma grande floresta e as florestas eram território dos Lintang Lintang. Em pouco tempo sumiram entre as árvores.

A liberdade tem gosto bom.

Tem gosto de sorte!

Handwritten text in red ink on aged, stained paper. The text is written in a cursive script and appears to be a list or a series of entries, possibly names or titles. The ink is dark red, and the paper shows significant water damage and discoloration.

Handwritten text in red ink on aged, stained paper. The text is written in a cursive script and appears to be a list or a series of entries, possibly names or titles. The ink is dark red, and the paper shows significant water damage and discoloration.

CAPÍTULO 8

O Céu Azul

Agora, passado o susto, posso contar. Foi bonito. Bonito ver no meio de uma clareira na floresta os Lintang Lintang abraçados em círculo com Benzinho ao centro, numa grande reza ao Grande Espírito. Os cavalos em silêncio em volta. Uma tenda construída especialmente para ele recobrar suas forças por ali. Provisões numa trouxinha destinadas a ele para pelo menos duas semanas. E o principal: um bilhete portado por Sexta-feira da tal da Casa Secreta – Mandragora officinarum. Como os Lintang conseguiram isso? Desde a libertação estavam de olho em Benzinho. Entendendo e seguindo seus passos para sua proteção. Afinal, ele salvou uma tribo inteira. Não falavam a língua local em geral, mas um ou outro deles sabia o suficiente para se virar em Metrópolis e, logo após a prisão, entraram em ação para libertá-lo.

Um pessoal da dita Casa Secreta ficou sabendo pela reportagem de TV que o mais novo prisioneiro era Benzinho, que a procurava pelos quatro cantos de Metrópolis e que ele era o tal que uma recente ex-moradora chamada Clóris falava tanto e afirmava que veio do mesmo lugar mítico chamado Beleléu. Mandragora officinarum era um lugar de refugiados de

guerra e exilados políticos. Uma ordem de resistência que Clóris tomou conhecimento e fez parte de todo o seu plano de fuga. “De lá, saberia onde ir”, ela pensou e assim foi.

Kevin, nome em português do Lintang que foi descoberto pela Casa Secreta, foi o responsável pela maior de todas as conquistas: manter a esperança de Benzinho e o todo caminho que iremos ver daqui para frente. Kevin passou a mensagem escrita pelos Guardiões do lugar para Sexta-feira, que de pronto esperou só o momento de libertação de nosso pequeno grande herói arquitetado por eles para estar nas mãos certas. Tudo tem seu tempo, mas quanto tempo o tempo tem?

O coração do jovem não se aguentava e tremia ao ler o nome que assinava e de onde vinha a carta que dizia:

“Meu amor,

Sei que se esta carta chegar em suas mãos você provavelmente já entendeu como eu que o mundo não é brinquedo. Que ele é muito maior que a nossa vista alcançava em Beleléu. Que Tia Tetê não é de forma alguma a única cabeça bizarra que existe plantada no meio das praças desse mundo. Que muita coisa está para acontecer e que está acontecendo o tempo todo e o tempo todo rodando e modificando numa vertigem que não consigo ainda dar conta. Você já viu

o tamanho dos países no Globo Terrestre? O tanto de mar que tem? Conheci muita gente de tudo que é canto muito interessante na cidade e que ficaram dispostas a me ajudar a encontrar uma faculdade que possa estudar e recomeçar minha vida. Não pude ficar ali muito tempo. A Casa Secreta muda sempre de lugar e cheguei já partindo de Metrópolis, mas sabendo agora meu destino. Espero que não tenha enfrentado muitos “leões” pelas ruas dessa cidade. Espero que esteja bem, meu pequeno amanhecer. Que esteja com algum dinheiro e que não tenha ainda sido enganado ou machucado por ninguém. Me dói a cabeça só de pensar em você andando sozinho por aí... eu, de cá, indo um dia de cada vez, mas maravilhada e aterrorizada com o tanto que fomos privados na pequena bolha Beleléu. A liberdade traz responsabilidade e estou correndo atrás dos meus monstros e de meus sonhos com uma gana que nem eu mesma sei. Quero te contar um segredo: em breve conhecerei um trem. Sim, um trem. Como os que sonhava tanto em ver. Como os que vamos estar juntos em breve, se Deus quiser indo para o nosso futuro. Vou para uma cidade universitária. Lá consigo trabalhar e estudar até que nosso filho ou filha nasça. Lá tem o trem. A gente chega de trem. Dizem que tem praia também e que sempre é calor e bate sol, do jeito que a gente gosta. Que tem teatro, cinema e tudo mais que a gente nunca viu. O nome da cidade é Sete Mares e fica



depois do deserto de Raios que o Parta, uma cidade montanhosa perto daqui, mas muito alta. De Raios que o Parta tem transporte animal para onde pegamos o trem, mas é no meio do tal deserto... ninguém disse que seria fácil, mas tem um caminho, sempre tem um caminho. Vou fazer biologia marinha na faculdade de Sete Mares. Estudar mais um mundo novo que mora embaixo d'água. Explorando sempre... você me conhece... estarei por lá em algum alojamento que ainda não sei, mas será fácil me achar. Sou a estranha em todo lugar (risos). A grávida do lugar maluco que ninguém acredita que exista. Não vejo a hora de te ver. É difícil sem você. Mas será leve em breve. Será “nós” de novo. Que bons ventos levem estas palavras até a sua mão. Levei um chute aqui dentro. É alguém que quer dar um oi para o papai...

Com estrelas nos olhos,
Clóris”

Caí no chão de joelhos com a carta na mão. Feliz por estar novamente livre. Feliz por saber aonde ir e finalmente ter razão toda essa peleja.

Os Lintang Lintang tinham outra surpresa para o jovem. Abriram caminho e mostraram uma grande cesta com uns amarrados de tecido em cordas. Tinha uma máquina com motor que ligava uma grande chama central. Era um balão?! Sim. Um grande e lindo balão

que ia enchendo e maravilhando os olhares de todos. Eles sabiam que dali até Raios Parta via terra, além de perigoso pela polícia que ainda rondava o lugar comandada por Javert era uma jornada de um mês. De balão, era questão de horas. Estaria seguro e quem sabe encontraria Clóris por lá a tempo?

Quem sabe?

Eu sei. Mas não vou contar agora.

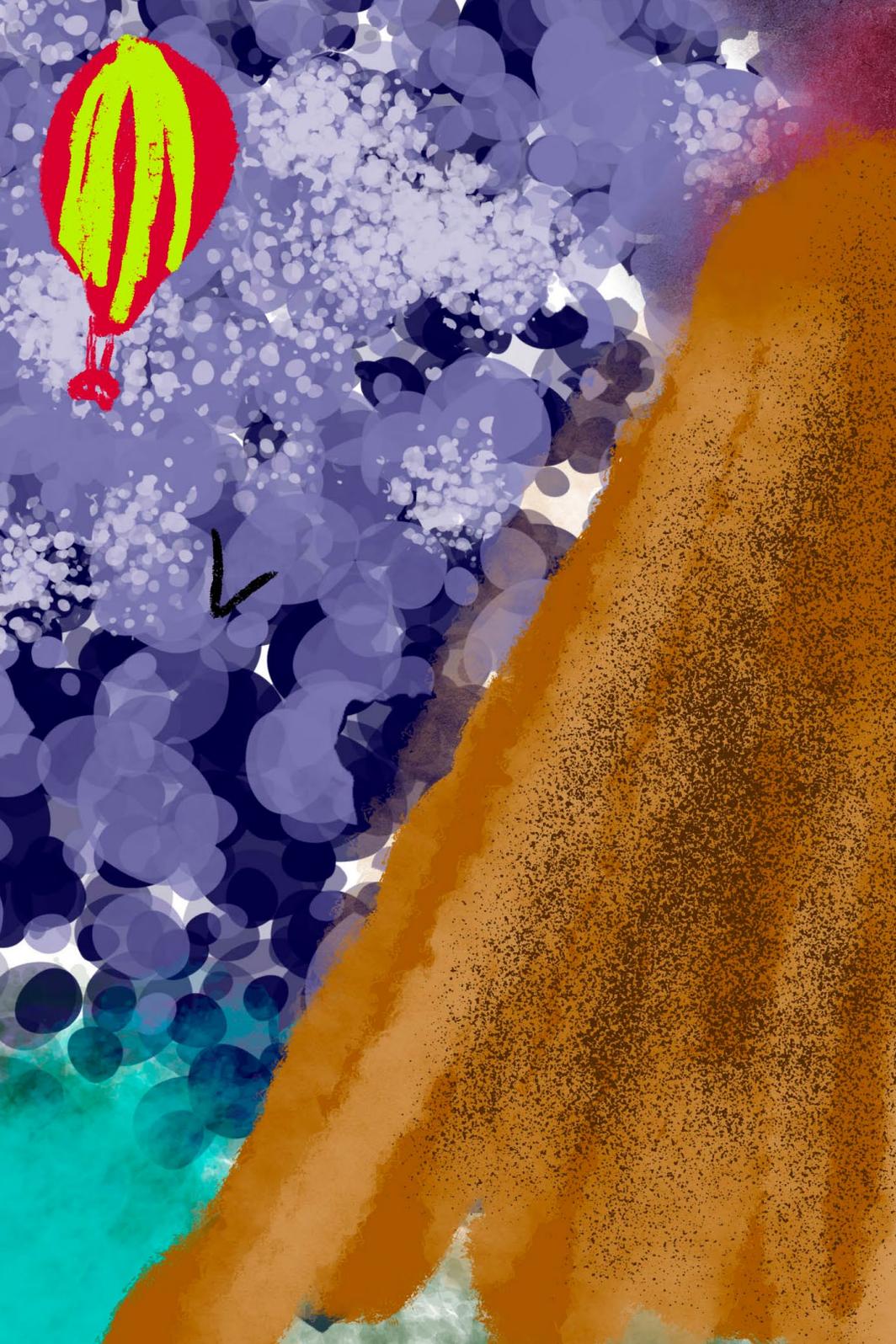
Sexta-feira meio que explicou com gestos e poucas palavras de Kevin tudo isso que acabei de dizer sobre o balão e sua importância em seguir as instruções certinhas. Só dava para ele. Era arriscado, mas era o único jeito. O céu estava azul e era um dia bonito até mesmo para morrer. Mas não seria aquele dia. Como bem disse a Pipo naquela noite de tempestade que escaparam de Beleléu. Não seria aquele dia em que o sol batia nas cores daquele belo balão.

Tudo pronto. Um, dois, três e foi. Cortaram a corda. O balão começa a subir e abaixo os Pigmeus iam ficando cada vez menores e como pontinhos pretos no meio da selva. Fazendo um belo círculo e dando mais um adeus àquele que havia sido seu salvador e que agora foi salvo.

Sabe de uma coisa, Benzinho começava a entender a beleza da jornada a cada nuvem que furava o céu.

Olhava para seu corpo, suas marcas, suas tatuagens, sua história. Olhava para o azul e laranja do céu. Olhava para o verde da montanha. Olhava para os cavalos da tribo correndo abaixo, voltando para a floresta. As coisas pareciam valer a pena. Existe sempre algo muito maior do que a gente enxerga. Benzinho pensou em seu pai, grande alquimista e sonhador. É. Ele estava certo. Nessun Dorma. Como nas óperas velhas de papai. A música tocava internamente enquanto, lentamente, o balão ascendia aos céus e fazendo Benzinho jogar para baixo e a “casca dourada e inútil das horas”, como diria Mário Quintana.

Raios que os Parta. Lá vamos nós.



CAPÍTULO 9

Raios que o Parta

Rabujo olhava para baixo, incrédulo, e a montanha era alta por demais. Realmente, se não fosse o balão, iriam demorar uns meses para chegar até o topo. Agora era questão de minutos e já conseguiam ver uma pequena aglomeração no platô que surgia no cume da montanha. De cima, podiam ver grandes nascentes descendo morro abaixo, pássaros exóticos e cantadores voando ao seu lado. Tantas espécies lindas de árvores e aquela formação incrível de montanhas. Chegava ao ponto de conseguir ver um pouquinho do deserto de Kimera além de Raios que o Parta, que ficava bem acima do nível do mar, e aí seguia por um tanto. Tudo era tão lindo. Nunca antes tinha visto algo assim. Mesmo em Beleléu, nunca teve uma imagem próxima desta que via ali porque ninguém se atrevia a subir as montanhas. De quem ele conhecia, só Pipo que veio de lá.

De uma coisa Benzinho não se lembrou quando começou a subir: “como é que estaciona essa coisa?”. Rabujo não disse uma palavra, afinal de contas era um cachorro. Agora era questão de pensar rápido, pois a parada era logo ali. Benzinho amarrou Rabujo e as provisões em seu corpo com um pouco de corda que

estava por ali, e assim que passou a altura de um ser humano, em cima do descampado, no alto daquela montanha. Se jogou do balão para o chão do platô com tudo e caiu no meio da multidão. Viu o balão subir sem parar até sumir nas nuvens mais altas do que aquelas que estavam ao seu lado. Por incrível que pareça, ninguém conseguiu dar muita atenção para o estrangeiro na hora, pois o líder daquela comunidade estava tendo um ataque epilético pelo veneno de uma cascavel que o havia atacado segundos atrás, durante uma reza coletiva. O homem estava tendo uma parada respiratória pelas neurotoxinas do veneno da cobra, que afetam o sistema nervoso bloqueando os impulsos nervosos, paralisando a presa, causando um colapso instantâneo.

Ninguém sabia o que fazer. Ninguém a não ser Benzinho que já vira seu pai curar pessoas do mesmo mal e, seguindo seu instinto, pulou para cima do homem em agonia e imobilizou o membro - o braço mordido -, em uma posição funcional abaixo do nível do coração. Retirou todos os anéis, relógios e cordões. Uma das poucas coisas que carregava consigo era um kit de primeiros socorros com antídotos diversos que seu pai havia preparado para ele levar na grande viagem, que não desgrudava da bolsinha nem na prisão. Um deles era uma poção equina que justamente poderia salvar o rapaz. Aplicou num golpe no moribundo que abriu os

olhos num susto e voltou aos poucos às cores normais. Benzinho não conseguiu falar uma palavra. Logo após levou uma coronhada na nuca e caiu desmaiado ao lado de quem havia acabado de salvar. Que dia, senhores! Que dia! Certamente ali era Raios que o Parta e aquela, também certamente, era a comunidade do Amanhã, seita mística comandada por J.J., que acabou de ser salvo, sem saber, por um estranho chamado Benzinho. Quem deu a coronhada? Qualquer um dali. Fazia parte da lei para pessoas não convidadas, independente do que elas faziam, como se viu.

A comunidade do Amanhã era um lugar de casas bem construídas. Pessoas de uma classe média alta, todas brancas. Por ali se via somente homens, todos vestidos de uma cor creme perolada numa roupa de corte único de alfaiataria. Andavam armados com armas de grosso calibre. Eles viviam de uma cultura de subsistência em pequenas plantações e com poucos animais como porcos e cabras. Acreditavam ser descendentes diretos de algum povo divino ancestral e que cabia a eles a elevação de um pequeno e seletivo grupo da humanidade que seria o único que alcançaria uma salvação eterna cósmica. Mas todos com dinheiro aplicado em cidades. Não acreditavam em Cristo, nem em orixás, nem em nada assim. Acreditavam em J.J., que acreditava na vinda de um Messias para acabar com tudo e salvá-los desse mundo impuro, segundo eles. As punições eram muito

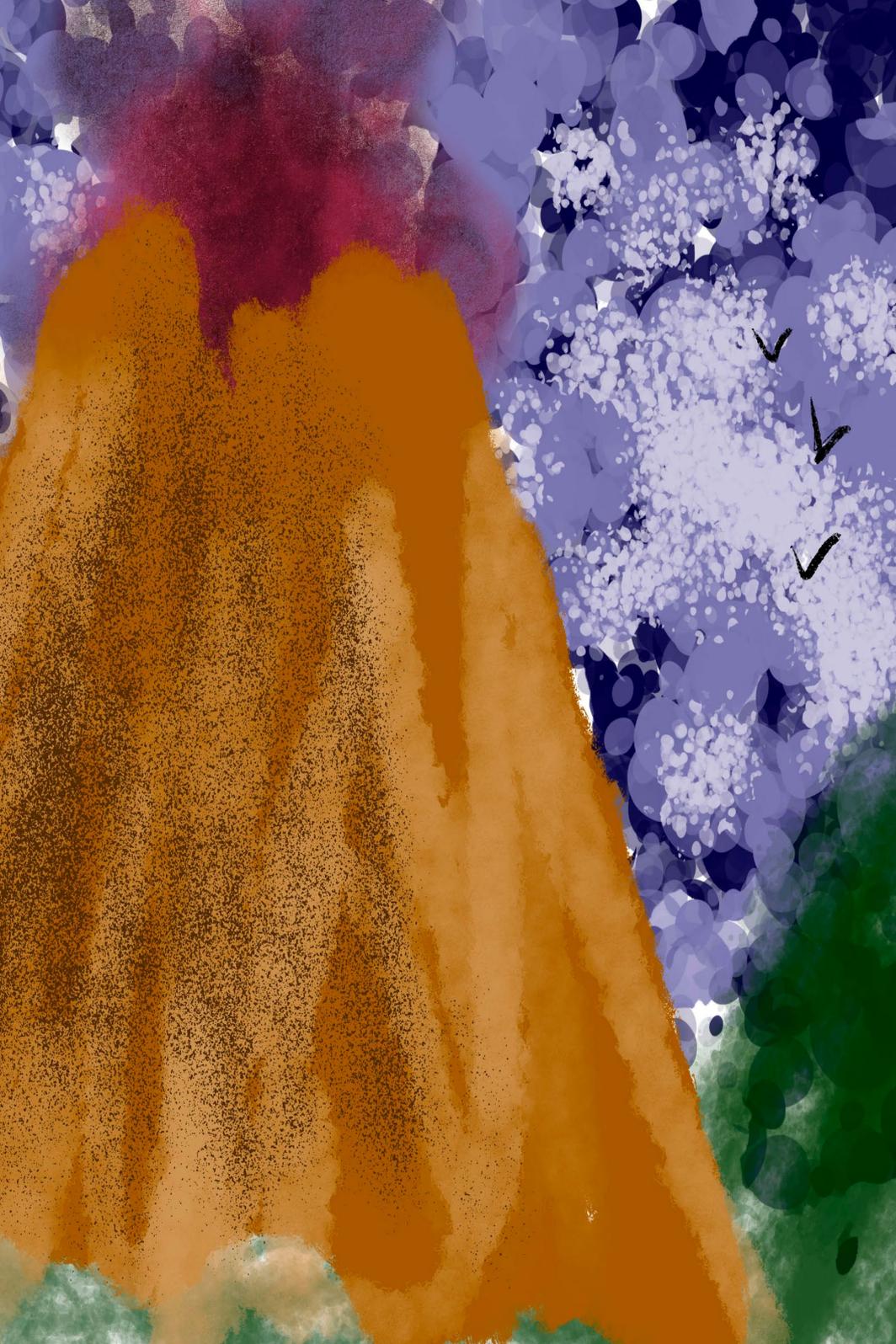
severas para quem quebrasse as regras do reverendo Jim ou J.J., chegando mesmo a estupros ou mutilações sem anestesia. As mulheres viviam desarmadas em um alojamento particular e quase sempre cobertas dos pés a cabeça com um manto branco. Faziam toda a parte de cozinha e trabalhos de limpeza. Não era permitido nenhuma decisão coletiva nem trabalhos de gerência daquele conjunto de pessoas. Segundo J.J., a função delas era procriar e servir aos “homens de bem”. Aquele alojamento era o único lugar cheio das tais cabeças plantadas em cada canto. Vai entender?

J.J. recobrou os sentidos e foi informado de que aquele estrangeiro, todo tatuado e a essa altura cabeludo, tinha salvado sua vida com uma poção milagrosa. Que ele veio dos céus num balão e desceu na hora de sua agonia. Pronto. J.J. não teve dúvidas. Era Ele. O Escolhido. O Messias que veio para salvar seu povo. Filho das estrelas que veio dos céus para salvá-lo reforçando sua teoria que ele era o líder daquela minúscula parcela da humanidade e que sabia o que era certo fazer. Não era o que realmente achava, mas era o que era conveniente para aquele momento de seus planos. Seu olho brilhou. Gratidão? Coisa que ele não conhecia. Se preocupou mais em empalhar a cobra que o mordeu para colocar como troféu em seu gabinete. Juntou toda a comunidade horas depois, cobriu Benzinho

amordaçado, mas coberto com colares de flores, o colocou num trono adornado no lugar mais alto em cima daquele morro alto e imediatamente passou a ser reverenciado com todas as honrarias de um deus vivo. Distante dos outros.

Mas que diabos era isso? Benzinho não estava entendendo nada. Só queria saber do paradeiro de Clóris, que provavelmente não estava mais ali. Onde está Clóris? Alguém poderia dizer para ele? Só queria saber onde ficava Sete Mares. Como se chega a Sete Mares daqui? Toda vez que tentava falar era silenciado por J.J., que a olhos vistos era um charlatão de marca maior. A cada discurso, pelo pouco que dava para ouvir de onde ele estava, destilava preconceitos. Benzinho tinha dois discípulos de J.J. atrás do “trono” onde o tinham colocado sentado. Cada um com uma arma apontada para suas costas num claro sinal de intimidação, como que um: “Não tente fazer nada até eu mandar”.

Eu sei e te digo daqui da pena de narrador que J.J. tinha planos nefastos com aquela gente. A ideia era que todos pulassem dentro de um vulcão com atividade controlada por ali em determinado dia que o novo Messias dissesse. Antes, assinavam um termo e deixariam tudo que tinham de material (e não era pouco) para a firma de J.J. que, segundo ele, iria junto de todos em sacrifício. Tudo seria deixado para grandes obras que precisavam



ser feitas na Terra em preparação para a grande volta e que teriam pessoas cuidando disso. Era um povo muito rico e conservador da pior espécie e de todos os cantos do mundo por ali. Todos se diziam religiosos e falavam em nome de um Deus. Qual? Vai saber. Diga você.

O fato é que Benzinho se encaixava perfeitamente. Ele iria ser o primeiro sacrificado no grande dia. O Messias que veio libertar e guiar o seu povo ao mundo espiritual cósmico para se purificarem em espírito e depois retornarem a uma Terra reconstruída. Era o grande lema da comunidade do Amanhã e estava prestes a ser executado graças à chegada inesperada de Benzinho e seu salvamento propício justamente de J.J.. Se ele soubesse... se ele soubesse teria feito do mesmo jeito. Benzinho não é aquele tipo de gente que deixa ninguém morrer na frente dele se ele pode salvar. Sendo a pessoa que for. Esse é ele.

Ao fim do dia, recolheram-no para uma oca sagrada e trancada no meio do platô, cheio de oferendas de frutas, ouro e prata. Para que ele iria querer aquilo tudo? Só queria saber onde Clóris está. Estava sozinho ali dentro com Rabujo e os dois discípulos seguranças armados do lado de fora. Dentro da oca, porém, tinha um baú lacrado com um cadeado. Ele pegou uma grande pedra que havia ali e o quebrou. Deu uma grande tossida junto para disfarçar o som para quem estava de fora. Lá no baú tinham livros ditos proibidos confiscados de

quem chegava lá. Eram títulos de filosofia, magia oculta e alquimia, alguns tratados sobre Tarot e cura. Muitos deles estavam na biblioteca de Pedro, o pai adotivo de Benzinho, em Beleléu.

Começou a ler um pouco de cada e ficou espantado com tanto conhecimento represado ali. Qual o perigo daquilo para uma comunidade a não ser a possibilidade da própria evolução? Conhecendo J.J. a gente entende. Dentro do baú tinha um mapa. No mapa tinha o caminho para Sete Mares via uma ferrovia no meio do deserto. Sim. Um trem. Como Benzinho tanto imaginou um dia em seus sonhos. Iria, se saísse vivo dali, e iria sair, viajar num trem rumo a Sete Mares. Esse miolo, no entanto, estava meio apagado no mapa, mas já dava uma boa pista. Restava um jeito de sair dali com Rabujo e saber antes se Clóris ainda estava por lá em meio àquelas mulheres de branco.

Súbito, um barulho de pancada lá fora e de pessoas caindo. O que seria? Abre a porta da oca e aparecem duas mulheres de branco, um pouco sujas de terra e sangue, segurando duas das cabeças que as vigiam, mas “desativadas” fora da terra, uma na mão de cada mulher. No caso das cabeças, uma visão nada bonita de se ver porque, conforme o esperado, não tinham corpo, mas misto de raízes e fios depois do pescoço. No caso das mulheres, a visão mais linda do mundo, porque elas haviam rendido os capangas do lado de

fora golpeando-os com as cabeças por trás, lançando-as pelos cabelos. Desarmando e amarrando os homens desmaiados para não acordar os outros homens. Elas eram verdadeiras Amazonas. Por baixo do manto branco, um corpo trabalhado de quem se exercitava continuamente e pronto para qualquer batalha.

Joana, uma das guerreiras, disse que conhecia Benzinho, já ouvira falar dele por uma viajante guerreira chamada Clóris, que só fez a curva ali, pois não se encaixava nos planos de J.J. Além de tudo era uma grávida sem marido, uma heresia para eles e já foi encaminhada para Sete Mares, que era onde realmente queria ir. Mas Clóris deixou para aquelas mulheres algo muito importante. No pouco tempo que passou por ali e ficou com elas, escutou a situação nefasta de clausura que elas viviam e logo teve uma ideia. Dentro daquele alojamento em um lugar reservado bem na frente, ficavam quatro grandes jipes 4X4 grandes, que cabiam cada um umas doze pessoas. Mas estavam sem chaves e com a fiação elétrica desligada desde a chegada de todos àquele povoado, por medida de segurança. Clóris, que tinha conhecimento de elétrica e montagem, tanto que fez o avião que ela mesma fugiu de Beleléu com samambaia e tudo, tratou de ensinar na surdina cinco das mulheres de branco a fazerem uma ligação direta naqueles jipes para uma eventual fuga. Fez isso longe dos olhos das cabeças e com a maior discrição possível

para que nenhum olheiro dos homens percebesse nos três dias que ficou hospedada por lá.

As mulheres explicaram para Benzinho todo o plano que fizeram e que era arriscado. Mas era também a única solução para sair dessa enrascada de Messias e de uma morte como um mártir de uma seita maluca criada por mais um dos aproveitadores desse mundo. O plano se realizaria no dia seguinte, quando todos os 56 homens estariam na boca do vulcão Zeitghest, que não estava em erupção, mas estava ativo. Eles estariam nus e desarmados, prontos para se jogarem no centro flamejante logo após Benzinho que estaria na cruz central e seria o primeiro a ir. A ocasião era boa porque todas as armas ficariam numa escultura a 1km dali chamada Glória das Armas, feita exclusivamente para esse dia quando todas as armas daqueles homens ficariam expostas e penduradas, marcando a passagem daquelas pessoas na Terra para os hereges que ficaram. O reverendo Jim seria o último a pular, claro. E pularia? Claro que não. Sua firma já teria a posse de tudo o que aqueles ricos e pobres de espírito tinham em vida pelas assinaturas prévias de contratos sinistros. Não revelarei o plano todo de Joana aqui, mas vocês saberão o restante na hora devida. Ela e todas as outras mulheres, que eram as guardiãs daqueles livros e, por isso, tinham a chave do cadeado que abriam secretamente para ler fora do alcance dos homens e das cabeças. Elas

formaram um Círculo feminino Sagrado fora do olhar deles. Um ato de resistência, sobrevivência e esperança. Lógico que Clóris amou essa parte e disse que tentaria ajuda assim que se chegasse em Sete Mares e tivesse em situação melhor que aquela. Benzinho não dormiu aquela noite. Como conseguiria?

No dia seguinte, tudo pronto para o grande evento. Contratos assinados. Todos os homens nus virados para o fogo em fila, vinte e oito para cada lado, atrás deles suas respectivas mulheres vestidas de branco como sempre, com exceção de 10 mulheres solteiras que seriam exterminadas com explosivos logo após a cerimônia no alojamento. Jim e Benzinho estavam com uma pequena tanga cobrindo suas partes. Benzinho, conforme o dito de Joana, amarrado numa cruz numa rampa no centro do buraco do vulcão, ao lado de J.J. e no centro de todos eles. As armas de todos estavam, também como o esperado, penduradas na escultura distante dali.

J.J. começou o seu discurso final da grande cerimônia de suicídio coletivo. Benzinho estava com a boca atada. Dizia J.J. para todos que ninguém conseguiria ouvir sua voz santa. Jim falou:

“Ao conversar com vocês, percebi que esse lugar foi a melhor coisa que já aconteceu em suas vidas. Não se entreguem às lágrimas e à agonia. Nós somos os visionários que deixaram para trás os confortos da vida

urbana e se mudaram para o topo da montanha, perto de deste vulcão Zeitghest para criar um modelo de comunidade para o resto do mundo. A morte é apenas uma viagem para outro plano. Estamos cometendo este ato de suicídio revolucionário em protesto contra um mundo desumano. Veio finalmente o Messias para revelar que a hora era essa. Vamos nos encontrar no além, meus amigos. Onde só existe uma raça, uma crença, a soberania da nossa espécie evoluída em pleno vigor. Como será a jornada? Logo após o Messias, cada um de vocês deve se jogar com sua esposa no centro do caloroso vulcão como a volta ao útero de sua mãe. Assim seja”.

Benzinho já estava suando literalmente. Cadê elas? As dez que seriam vitais para sua salvação. Pois eis que surge o restante do plano.

Um barulho de motor começa a ficar cada vez mais presente. Cheiro de gasolina e óleo queimado no ar. As mulheres de branco atrás de seus maridos na boca do vulcão respiram aliviadas. Benzinho idem. Joana, Diana e todas as outras oito chegam nos jipes completamente armadas com as armas que os homens deixaram no monumento no quilômetro anterior. Num dos carros, os dois capangas rendidos completamente imobilizados, as dez rebeldes apontaram as armas para que aqueles homens nus se rendessem e livrassem suas

amigas, “esposas” desses senhores, de uma morte certa e forçada. Elas, na mesma hora, correram para dentro dos jipes. Alguns dos homens se jogaram para dentro do vulcão numa tentativa cega e desesperada de seguir com os planos de J.J., esperando serem recompensados no além vida por alguém. Alguns tentaram jogar suas mulheres, mas elas ou foram abatidas pelas salvadoras ou se defenderam, elas mesmas, numa fúria brutal, mano a mano, com aqueles sujeitos.

Jim, num reflexo, sacou uma pequena pistola escondida na sua tanga e apontou para Benzinho.

“Ou vocês me deixam ir embora ou eu acabo com a vida dele”, disse ameaçadoramente J.J., sendo desmascarado na frente daqueles que ainda estavam pensando em se jogar e que, a esta altura, estavam incrédulos com a atitude do ex-líder.

Naquele átimo de segundo em que tudo pareceu parar até que alguma coisa acontecesse, alguma coisa aconteceu. Rabujo, que estava escondido por perto, saiu correndo e mordeu o pé de Jim que, pego de surpresa, se desequilibrou e caiu em seu próprio golpe para dentro do vulcão para nunca mais voltar.

As mulheres de branco estavam já quase todas em três jipes para retornarem às suas cidades, finalmente libertas na direção morro abaixo. Joana, no quarto jipe, levaria

Benzinho e Rabujo para o início do deserto e dali as coordenadas para chegar à linha férrea que os levariam para Sete Mares onde estaria Clóris, finalmente, e sua busca teria fim. Será? A gasolina dela daria para isso, garantindo seu próprio retorno. Os homens que não tinham se jogado foram trancados todos nus como estavam na oca em que ficou Benzinho, com provisões até que chegasse a polícia de Metrópolis ou outra cidade qualquer que seria acionada pelas mulheres assim que chegassem sãs e salvas. O alojamento antigo das mulheres havia explodido junto de todas as cabeças que estavam por lá e haviam sido rendidas na noite pelas mulheres, todas as cabeças com maçãs nas bocas e fita colante para evitar que dessem com a língua nos dentes. Tudo agora parecia estar finalmente na direção certa.

Mas ela existe?

CAPÍTULO 10

Mil Mortes

Era dia de sol. Benzinho estava numa praia distante sentado confortavelmente em sua cadeira. Óculos de sol. Cabelo molhado. Ao longe, uma criança de uns 7 anos se aproxima. Cabelos encaracolados e castanhos como os de um anjo. Olhos de um mel profundo e límpido como cristal polido. Chama para brincar na areia. Construir uma mistura de dragão e monstro marinho com ajuda de um pequeno graveto, pedras e conchas por ali. Cabelos molhados e corpinho já vermelho de sol. Eles riem e começam a brincadeira. Depois de um tempo, correm para água gelada em direção às ondas. Juntos e abraçados, eles saltam toda marola que se aproxima como se fosse a mais alta onda do Havaí. Uma voz de mulher chama da areia. Era Clóris, que estava caminhando e veio ver a farra dos dois. Estava linda, com um maiô cor de sol. Uma flor no cabelo. Eles vão também correndo na distância que os separa gargalhando numa pequena competição. Quando Benzinho ia abraçá-la junto de seu filho, ele acorda desse sonho bom.

Deserto de Kimera. 18h. Dois dias comendo muito pouco e bebendo menos ainda. Garantia mais alimento

a Rabujo que a si próprio. Quanta saudade de Clóris! Que menino lindo e feliz de olhar penetrante esse... um filho... Seria um delírio do deserto ou uma visão de futuro esse sonho? O fato é que foi acordado por um pássaro preto que quis pegar umas migalhas de sua mão. Na outra, ele segurava um cetro improvisado para facilitar a caminhada no calor extremo e vento forte. Seguindo sempre ao noroeste com ajuda da uma bússola dada por Joana. Não tinha muito o que ver ali. A boca já estava seca. Eram eles e literalmente seus demônios naquela estrada. Mas tinha, por incrível que pareça, uma alegria no ar. Tinha superado a morte mais uma vez. Sabia agora que sua busca estava prestes a terminar. Tanta coisa para contar para Clóris! Qual o tamanho que deve estar sua barriga? Será que ela está tomando vitaminas? Claro. Logo ela. Tão preocupada com tudo.

Nuvens negras apareceram rapidamente e aconteceu algo que não se via há anos por ali, uma chuva torrencial. Benzinho tentava beber a água caindo direta do céu. Tentava também que Rabujo fizesse o mesmo, tentava ao mesmo tempo pegar qualquer coisa que servisse para armazenar um pouquinho daquela água. Não conseguia achar. Ficava vendo aquela água toda e não podia fazer muito além do que estava fazendo que era matar sua sede. Ficava pensando em quantos dias ainda ficaria por ali em busca da via férrea.

A gargalhada que veio com a chuva forte deu mote para uma grande raiva. Sentimento que Benzinho nunca havia experimentado antes, ao menos não com essa magnitude. Ele chutava a areia, meio lama no chão, com raiva de estar sozinho, com raiva de ter que a todo instante se manter vivo ou fugir da morte, com raiva de ter tanta gente sem palavra e sem caráter nesse mundo, dentro e fora de Beleléu, com raiva de acreditar nas pessoas, com raiva de não conhecer todas as malícias dos lugares por onde passa. Benzinho ficou com raiva até mesmo de ter sentido desejo por Joana, a mulher de branco, no último abraço quando ela o deixou no deserto. Não sabia o que era um carinho de uma mulher desde a despedida de Clóris em Beleléu.

Quando se viu novamente seguro, novamente no caminho certo, finalmente podendo encontrar seu destino, não se conteve de alegria ao abraçar a guerreira e sua salvadora Joana de Raios que o Parta, com seu corpo definido e cabelos soltos no vento do deserto. Sentiu culpa de ter tido vontade de prolongar esse abraço até mais a noite. Depois da culpa veio a raiva dele mesmo como se tivesse traído Clóris novamente. Digo novamente porque ele sentia exatamente assim por tê-la deixado ir naquele aeroplano prateado e essa cicatriz não fecharia até revê-la em segurança, até ele pedir perdão, até ele poder segurar seu filho nos braços.

Tanta coisa nessa chuva. Tanto deserto e tanta água. Ele correu com Rabujo na chuva gritando até cair e lá ficar até o fim da água. Quando a água parou, ele dormiu abraçado a Rabujo, apoiado na primeira pedra grande que viu pela frente. “Respice post te. Hominem te esse memento. Memento mori!” que significa “olhe para trás. Lembre-se de que você é mortal. Lembre-se de que você deve morrer!”, ou algo assim... quem disse? Coisas do deserto...

Um dia novo e escaldante veio. O que se via além de dunas de areia e uma pequena trilha feita por outros caminhantes eram duas figuras estranhas sempre a uns 300m de distância. Uma espécie de pessoa vestida de corvo negro, ou um bicho assim, e outra figura completamente cinza ao lado com um nariz grande, mas não dava para ver o olho. Um colar de pelos brancos em volta do pescoço como um abutre. Também não se sabia se era real ou miragem os dois. Mas estavam sempre lá ao longe. Parados por mais que Benzinho andasse. À mesma distância. Como fantasmas do caminho. Como aquela raiva toda do dia anterior personificada naquilo ali.

Mas seu amor era maior que isso tudo. A cada passo dado, um passo a menos em direção ao seu objetivo. Nós somos os únicos zeladores de nossos sonhos, que fazem o tamanho do sentido que damos para eles. O vulcão e mesmo esses dois bichos estranhos já estavam



tatuados no corpo de Benzinho. Mais rastros dessa longa viagem de vida e morte. Lembrou das histórias antigas das religiosas de Beleléu sobre Jesus encontrando o demônio no deserto, só que ele não era Jesus. Se for preciso morrer mil vezes, ele estaria disposto. Já havia morrido em torno de umas vinte pelo menos, desde que sua aventura começou, pelas suas contas. Benzinho agora era um homem, não mais um menino. Isso somente a dor ensinou. A dor, a perda, junto das pequenas alegrias e novas grandes descobertas. Tinha uma estranha sensação de que a Roda da Fortuna iria girar e que a próxima morte o levaria direto para seu sonho. Era como se, mesmo andando solo ali com Rabujo, estivesse mais acompanhado do que nunca. Sentia sua mãe ao seu lado como sempre. Sentia seu pai orgulhoso de tanta coragem manifestada. Sentia seus índios e negros ancestrais em suas veias. Era outro. Era o mesmo, mas era outro.

Vocês me entendem? Não? Um dia então entenderão. Mas já aviso que a trilha não é fácil como vocês mesmo estão vendo, ou lendo, sei lá. Porque um autor também não sabe tudo. A história vai se contando por si própria e escapa de nossos dedos. É preciso estar atento e forte, como diz a música, para não cair na tentação de dar um futuro arbitrário aos personagens. Eles são a melodia dessa sinfonia. Eles dão o ritmo. Eu apenas

empresto meu sentimento de fora como um maestro focando aqui e ali como acho que deve ser contada ou cantada. Enfim...

Voltando ao curso da história, era noite de lua nova e Benzinho não via um palmo à sua frente. Tinha uma pequena luz vermelha ao longe bem na direção de sua bússola e lá foram ele e Rabujo em direção a ela até quando aguentaram naquele breu, até porque estavam ambos com muita fome. Adormeceram mais uma vez abraçados e companheiros. Quando o dia se fez, muitas pessoas os observavam. Tomou um susto. Quem eram elas? E quando ele conseguiu se levantar, o susto foi maior ainda. Um enorme circo estava bem diante de seus olhos.

Como?

Já já vou contar.

CAPÍTULO 11

O Grande Circo Mirácoles

O Grande Circo Mirácoles. Era esse o nome do circo “mágico” que aparecia quase que do nada em alguma cidade de algum lugar remoto do mundo. Era o circo mais nômade das Américas e também o que montava e desmontava suas lonas mais rápido de todo o universo conhecido. Reza a lenda urbana que ele aparecia sempre no deserto de Kimera, perto da linha férrea antiga, para aprontar algum número novo sem ser espionado por ninguém. Assim foi. Benzinho achou que tinha morrido. Imaginem só. Numa noite sem luz você caminha por um longo tempo sem olhar um palmo à sua frente, adormece e acorda com muitas pessoas em figurinos coloridos e um grande circo à sua volta. Eu também acharia que estava em algum lugar entre o limbo e o céu. Se você tem medo de palhaço, talvez no inferno... Mas não. Ele não tinha morrido e percebeu logo assim que viu um pedaço da linha do trem ao fundo atrás daquela pequena aglomeração em cima dele. Nunca tinha visto um circo na sua frente e aquela foi uma visão que nunca esqueceria. Abriram caminho para o estrangeiro poder se erguer, porque estavam preocupados com aspecto muito magro e fraco dele e de Rabujo. Acharam que poderia ser um

dos eremitas do deserto com seu cajado.

“Qual o seu nome, filho”?, falou a mulher barbada assim que conseguiu levantá-lo.

“Benzinho. E esse aqui é Rabujo. Que lugar exatamente é esse, por favor”?

“Bem-vindo ao Grande Circo Mirácoles, onde os seus sonhos acontecem. Chegou na hora boa. Estamos todos comendo lá dentro. Venha! Aqui está tudo em família e você parece estar com muita fome. Seu cachorrinho também”.

Uma boa hora para seus sonhos se realizarem. Ao entrar, uma grande arena fazia um picadeiro lindo cercado por cadeiras azuis e laranjas. Uma mesa imensa retangular estava no centro daquilo tudo com uma quantidade de comida que não se lembrava de ter visto há muito tempo. Sentados em volta, as pessoas mais lindas do mundo para seus olhos. Artistas pintados e vestidos para cena, rindo e conversando como um dia de domingo. Comendo leitão, sopa, batatas coradas e todo tipo de guloseima gostosa. Tinha um lugar ali para ele. Nem se lembrou da educação e chegou colocando o que viu na frente na sua boca, com mão, garfo e tudo. Os outros até mesmo se espantaram com tanta fúria e deleite daquele rapaz cabeludo e de barba na cara, todo tatuado e magrela. Daria um bom Faquir ou algo assim para o circo, Mousier Loyal, o dono do

circo pensava. Rabujo também se deliciava com um prato de leite e alguma carne que ofereceram para ele. Quando finalmente estava saciado e todo o almoço finalizado, foi convidado para ver o lugar por dentro e por fora e era simplesmente maravilhoso. Todos se ajudavam nas tarefas mais diversas, desde alimentar os pequenos animais, que viviam livres, até preparando as roupas para seus amigos entrarem em cena, fabricando os grandes cenários ou as próximas ilusões do mágico, afiando as facas do atirador, ensinando novos truques de contorcionismo, tanta coisa... ele realmente nunca viu algo assim.

Um grupo de palhaços passou na sua frente fazendo suas piadas, logicamente, e ele sorriu. Sorriu por se sentir de alguma forma em casa, mesmo sabendo que era sua primeira vez. Sorriu porque logo ali atrás era a linha férrea que o levaria para Sete Mares. “Então existe mesmo o trem”, ele falou alto e os outros em volta se entreolharam incrédulos com a pergunta. Sorriu porque estava entre os seres mais “perigosos”, segundo os poderosos de Beleléu, e mais amáveis do mundo: os artistas. Artistas como aqueles que não conseguiram cruzar com sucesso a correnteza de Oz e que chegaram já sem vida na praia de Beleléu, tempos atrás, naquela noite em que ele, Pipo e Clóris queriam um pouco de mundo inteiro no seu mundo. O que não aconteceu, mas foi a semente. Agora, vejam vocês, todos foram na

direção desse mundo por si próprios e lá estava ele em frente aos artistas que os inspiraram. Não os mesmos, porque esses estavam bem vivos. Mas artistas como eles. Realmente devem ser muito perigosos por tamanha a força de inspiração que provocam.

Pensando nisso tudo, caminhando com Rabujo, percebe um camarim aberto e, olhando assim de relance, poderia jurar que viu uma figura conhecida. Viu Pipo se maquiando como o palhaço e amigo que conheceu, olhando para o espelho, cuidando de cada detalhe de sua maquiagem. Ao ver Benzinho pelo espelho se virou, deu uma piscadinha e sumiu, como se não tivesse estado ali. Grande Pipo. Apareceu ali simplesmente para mostrar que nunca tinha abandonado aquela jornada e, afinal de contas, o picadeiro era sua casa.

“Viu um fantasma”?, disse sorrindo Florida, uma das atrizes do grande circo-teatro Mirácoles.

“Mais ou menos isso”.

Aquele circo tinha uma tradição de apresentar um pequeno espetáculo toda temporada e estavam justamente ensaiando “A vida é sonho”, de Calderón de la Barca. Inacreditável como o tempo parece que realmente é uma invenção humana. Num instante só tudo se conecta. Benzinho foi convidado a ser o primeiro a olhar o espetáculo. Ficou lá sentado, maravilhado, sorvendo cada fala daqueles lindos atores

que transmutam palavras em vida naquele palco. Que poder! Que maravilha! “Clóris tinha que ver isso”. Ele pensava.

Lá pelas tantas, um ator declama estes versos de Calderón:

“(…) e no mundo, em conclusão,
todos sonham o que são,
no entanto ninguém entende.

– Eu sonho que estou aqui
de correntes carregado
e sonhei que em outro estado
mais lisonjeiro me vi.

Que é a vida? Um frenesi.
Que é a vida? Uma ilusão,
uma sombra, uma ficção;
o maior bem é tristonho,
porque toda a vida é sonho
e os sonhos, sonhos são.”*

Lágrimas nos olhos. Parecia que havia sido feito para ele. Parecia que era a primeira vez que havia escutado essas palavras. Benzinho soluçava ao ver a vida de Segismundo revelada assim na sua frente. Um ser predestinado para calamidades pelo presságio de estrelas, prisioneiro em uma torre por várias vezes,

*Trecho de “*A Vida é Sonho*”, de Calderón de la Barca

enganado outras tantas por outros que confiava. Só queria amar, não estar só, conhecer a verdade. Como diz no final do próprio texto, desvendar tal labirinto onde todo o céu é um presságio e todo o mundo um prodígio! Se reconhecia naquela vida. Como não? Lembrou de Saramago, “é preciso sair da ilha, para ver a ilha”.

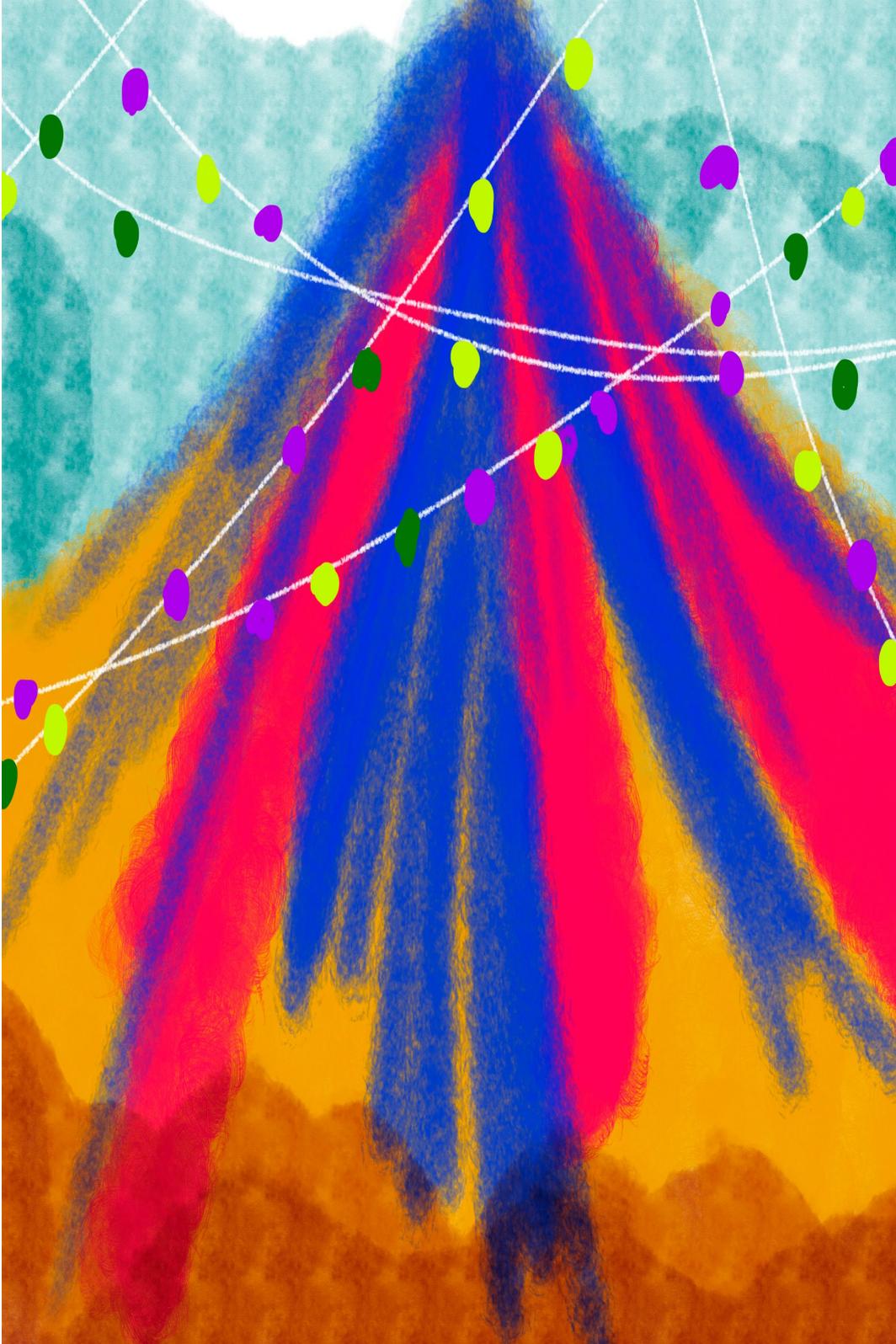
Abraçou cada um dos atores do final da apresentação especial, aquele ensaio inesquecível. Taí uma coisa que ele gostaria de ser. Um ator como eles. Nunca pensou que tivesse essa coragem, mas agora depois de tudo que passou, sente que poderia vencer mais esse desafio. Pela primeira vez quis ser alguma coisa na vida verdadeiramente. Seu filho ainda o veria brilhar em algum palco de vasto mundo. Talvez sentindo orgulho ou até mesmo um pouquinho de vergonha, quem sabe. Um futuro para os dois. Um futuro para os três. Um futuro de verdade e fora dos muros invisíveis de Beleléu.

O trem passaria logo mais às 17h e todos da família Mirácoles estavam só esperando o fim do ensaio geral do novo espetáculo para recolherem as coisas e abaixarem a lona para se prepararem para a grande viagem até Sete Mares. Benzinho era o mais animado e fazia de tudo um pouco, tirando forças sabe Deus da onde. Tirava estacas, limpava bostas de animais,

dobrava as lonas que desciam e, quanto mais ele suava com o trabalho braçal incansável, mais ele sentia o cheiro de Clóris no ar, a brisa do mar que estava para vir, o TALVEZQUESIM dos trilhos do trem cada vez mais presentes junto das batidas do seu coração.

Era quase.

E o quase às vezes parece uma eternidade.



CAPÍTULO 12

Talvezquesimtalvezquesim...

“Fecho meus olhos e já posso ouvir o seu passar nos trilhos e o apito avisando que o trem já vai chegar.”, pensava Benzinho num Deja Vú de outras estações. Era como no sonho que ele teve muitos anos atrás. Coração acelerado com aquele garanhão de ferro chegando. Uma fumaça ao longe. Como ele vira com Pipo do mar quando estavam em cima de Oz. Mas agora parece certo. Como tudo que se quer parece. Um cheiro de carvão. É ele chegando. O trem de ferro. Benzinho, entre sobressaltos de felicidade acompanhado de Rabujo, pede desculpas internamente por não ser como tinha sonhado sua primeira vez. Gostaria de estar ao lado dela, num daqueles bancos de couro vermelho. Não levou nada além de Rabujo, pois a essa altura só tinha a vontade de ser alguém melhor junto de sua família. Foi o último a entrar. Queria curtir cada momento. Olhar todo detalhe daquela maravilha da mecânica. Como seu pai iria se encantar com aquilo. Sim. Existia no mundo coisas mais modernas, mas ele nem o mundo conhecia ainda. Só teve uma prova. Agora era um novo início. Uma chance de consertar as coisas. Uma vida a ser vivida. Respirou fundo e pisou no trem.

Todo o circo Mirácoles já estava em seus vagões. Ele já havia sido adotado por aquela família, mesmo sem saber. Tinha alguma coisa nele que merecia confiança. Uma esperança que só se via nas crianças encantadas da plateia.

O trem apitou três vezes, como o toque de Moliére.

TALVEZQUESIMTALVEZQUESIMTALVEZQUESIM
sonoros naqueles trilhos pelo deserto. Lá fora, os tais dos riscados coloridos como numa tela dos pintores revolucionários. Lá vai o trem com o menino. Lá vai a vida a rodar. Villa-Lobos tocando aqui enquanto escrevo essas palavras...

O vermelho lilás começava a virar noite. Uma noite das mais belas e estreladas. Uma noite de lua cheia. E o trem passou do deserto para as montanhas sobre um grande mar prateado iluminado por esta lua. A cada ponte sobre o mar, uma lágrima de alegria e liberdade. “O passarinho finalmente voou, mãe! Sei que a senhora está por aí, a me olhar e me dar a benção. Teu filho agora vai se tornar um pai. Um marido para Clóris. Um cidadão desse grande mundo de meu Deus. Adeus! Agora sou eu que te digo. Te amo”.

Olhou seu reflexo no vidro. Ao longe por cima do mar, o balão vermelho de Pipo com seu sorriso mágico sobrevoando aquelas águas como se o tivesse esperando por todo aquele tempo. Benzinho sorriu com aquela visão e dormiu agradecendo aos céus por estar vivo quase que pela primeira vez.

FIM ?



